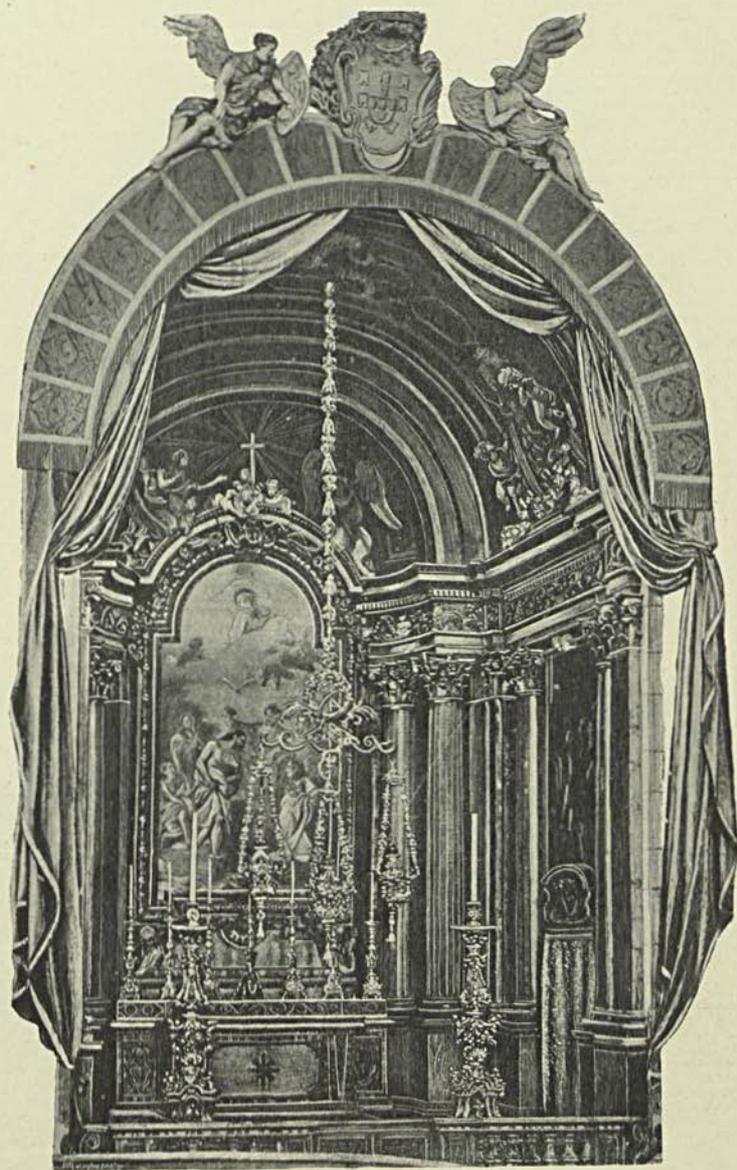


BRASIL-PORTUGAL

1 DE JULHO DE 1899



CAPELLA DE S. JOÃO BAPTISTA EM S. ROQUE

Chronica Electrica

S. João! que serie de recordações da mocidade que não volta mais este nome vem acordar na alma dos velhos, entristecidos por verem perder-se ao longe, lá muito ao longe, no profundo horizonte do passado, as doces e luminosas visões da juventude!

Qual d'elles, no deslizar d'essa época risonha da existência, não foi feliz, uma vez ao menos, na noite de S. João?

Qual d'elles não teve um coração sensível de mulher que, ansiosa por unir á sua a existência do bem amado, não lhe consagrou n'essa noite a sorte boiante no copo d'água tradicional, o ovo que se desfaz em caprichosas imagens dentro da taça cheia também de água, colhida na fonte ao tanger a última badalada da meia noite, a alcachofra que floresce ao relento, e mil outros augúrios filhos da lenda, a traduzirem uma única palavra — amor?

E por essas villas e aldeias, onde as tradições se concentram e aninham na alma dos homens e no coração das mulheres, o S. João conserva ainda todos os encantos, todo o característico sabor dos antigos tempos.

Ah!, o crepitante das fogueiras, o estalar dos foguetes, os queixumes das doloridas guitarras, as cantigas á desgarrada, os mutes intencionalmente e os bailes de roda, o curiosissimo *vira* dos campos, delicias todos aquelles que pela primeira vez assistem a estes folguedos das nossas provincias, tão accentuadamente portuguezes, que nos arrancam lagrimas de enternecido sentimento, e sentimentos de profunda affeição á terra em que nascemos.

S. João, S. João, como elle constitue a alegria da mocidade, e como a velhice deve quedar-se pensativa e triste a meditar nos tempos que já lá vão, fitando cheia de saudades as cinzas da ultima fogueira, que talvez lhe pareçam as cinzas das suas recordações, resfriadas de todos os gelos do inverno!

Não descança a Família Real Portugueza na sua philantropia missão de acudir a todas as desgraças, de minorar todas as desventuras.

Hontem relatámos a grande acção generosa de Sua Magestade a Rainha D. Amelia pondo ao serviço de uma causa santa—o auxilio aos tuberculosos—toda a influencia da sua proeminencia social, todo o entusiasmo da sua grande alma feita de compaixão e altruismo, de caridade e doçura, e já hoje temos a louvar e a admirar a iniciativa de Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia, promovendo uma toirada esplendorosa para o seu producto revertir a favor do Instituto D. Afonso, para uma instituições muito sympathicas e levantadas do nosso paiz.

E a mocidade doirada correu celerem ao appello da excelsa princeza, offerecendo-se para abrilhantar a festa com a sua valentia e destemor no *redondel* tauromachico.

Não perduram na consciencia dos povos as acções dos seus beneficeiros, porque se perdurassem, muito teriam elles que recordar das acções generosas e dos actos de caridade constantemente praticados pela Família Real Portugueza.

Foi realmente uma festa imponente e brilhantissima essa toirada á antiga, que veio recordar os velhos tempos em que a nobreza do reino, vestindo as suas melhores galas e luzindo o seu fausto, descia á arena a combater o touro indomito, accendendo um fremito de pavor e de receio, de entusiasmo e de anxiedade, no coração de todos os espectadores.

E ao volverem d'esse duello perigoso entre a astucia do homem e a impetuosidade da fera, a Rainha sentou á sua mesa, n'essa atmosfera fina e perfumada dos regios paços, todos esses arrojados e valentes rapazes que horas antes tinham arriscado a vida para coadjuvarem a caridosa e philantropica filha de Victor Manuel no desempenho de uma missão que mereceu as sympathias e louvores de toda a sociedade portugueza.

Bem hajam pois as Rainhas, que, á imitação d'aquella que tambem foi nossa e em oiro transformava as rosas, assim transformam em oiro, para acudir ás grandes desventuras humanas, todos os sacrosantos impulsos do seu coração e da sua alma.

Mais um portuguez illustre, uma bella individualidade do nosso journalismo conhecida em todo o norte do paiz e acatada pelos mais eminentes politicos de todas as feições, acaba de descer á paz do tumulo na avanzada idade de 78 annos.

Morreu Gaspar Ferreira Baltar, fundador e director do *Primeiro de Janeiro*, o importantissimo jornal portuense pela larga circulação que tem em todas as terras de entre Minho e Douro, e pelo alto conceito em que são acatadas as suas opiniões de politica geral.

Ferreira Baltar, um dos poucos que melhor comprehendiram a missão do journalismo, a força que elle representa, e a sua proeminente influencia nas sociedades modernas, foi um luctador intemerato, energico, arrojado e tenaz. Collocando á disposição da imprensa a pequena fortuna que no Brasil angariára á força de trabalhos e de privações, defendeu-a valentemente como as feras costumam defender os filhos. E por um caminho penhascoso, evado de espinhos e de obstaculos, caminhou resolutó á conquista d'esse velo de oiro que para elle era o firmar em bases solidas o seu jornal. Sabiu victoriosamente esse combate violento que foi quasi sem treguas durante bastantes annos.

E o *Primeiro de Janeiro*, ao qual dedicou toda a sua espantosa acti-

vidade, todos os seus cuidados e attentões, quasi até á hora extrema, ahí ficou a attestar as grandes qualidades de trabalho do seu illustre fundador.

E morreu sem uma venera, sem uma mercê, sem uma graça, este homem que tinha entrada livre no gabinete de todos os ministros, que tantas vezes lhe escutaram o conselho nascido da experiencia, da idade, e do conhecimento dos homens e das coisas!

Se não as teve porém, foi porque as não quiz. Usava-se de que lhe chamassem o Baltar do Janeiro porque n'esse titulo tão simples e desprezencioso estava toda a grandiosidade da sua obra.

Pobre velho! Descansa em paz e que o exemplo da tua vida sirva de estimulo a todos aquelles que fazem do trabalho o ideal da existência.

Brasil-Portugal.

NA

A capella de S. João Baptista

EGREJA DE S. ROQUE

ERA magnificante e prodigo o senhor rei D. João V quando a sua fertil imaginação de luxuoso impemite lhe suggeria qualquer idea que podesse accentuar indelevelmente o cunho característico da generosidade real.

Não contente em ter construído o convento de Mafra, esse colosso de pedra que assusta pelas suas dimensões e amesquinha o espirito pelo facto de gosto e de arte que em todo elle se nota, mandou fazer a capella de S. João Baptista para a igreja de S. Roque. Verdadeira preciosidade artistica, tem a seguinte origem:

Indo uma vez o rei a S. Roque notou que a capella de S. João Baptista era a mais pobre de todas, e perguntando a razão d'essa pobreza informaram-n'o de que a capella não tinha irmandade que a cuidasse.

Então o rei, não querendo que o santo do seu nome fosse na igreja menos do que os outros santos, declarou que tomava a capella ao seu cuidado.

Esse cuidado manifestou-se como era de esperar, estrospanosamente. Encomendou para Roma uma capella que fosse feita em diferentes peças de pequenas dimensões, de fórma que se podesse armar em Lisboa.

A encomenda do rei *Magnanimo* foi satisfeita da seguinte fórma: O arco, pela parte externa é de colorinda e pela interna de alabastro, tendo ao centro as armas reaes portuguezas amparadas por dois anjos.

O pavimento é de mosaico, imitando um tapete, com flores e um globo ao centro.

O rodapé é todo de marmore de Italia preto com manchas brancas. Os degraus do altar são de porfido assentes sobre bronze lavrado e o subpedaneo é de granito, assentes sobre bronze. Tem oito columnas de lapis-lazuli sendo as bases de alabastro e jaldio alto. De jaldio é tambem a cimalha por cima das columnas em todo o circuito. As molduras dos paineis são de porfido guarnecidas de bronze lavrado em fórma de flores delicadamente trabalhadas.

O altar é de jaspe e o frontal permanente e fixo é de lapis-lazuli guarnecido de amethysta. O tecto apresenta variadas tarjas com saphirins de jaspe. São riquissimos e de precioso valor artistico os tres paineis de mosaico, em especial o que representa S. João baptizando Jesus Christo. A mais fina e delicada pintura não excede este trabalho verdadeiramente extraordinario.

Os outros dois paineis estão sobre as portas lateraes, e representam o do lado do Evangelho a vinda do Espirito-Santo sobre os discipulos do Cenaculo, e o do lado da Epistola o mysterio da Anunciação.

Os dois grandes tocheiros de prata macissa cheios de figuras doiradas de primoroso trabalho custaram cada um 75000 cruzados!

A banqueta ordinaria que está sempre de serviço é de bronze doirado guarnecido de lapis-lazuli. Nos dias de festa serve um frontal de lapis-lazuli com dois anjos de prata aos lados, tendo ao centro a passagem do Apocalypse, tudo de prata com grandes e curiosos ornatos.

O custo d'este frontal foi de 60000 cruzados. A banqueta rica compõe-se de seis castiças e uma cruz de prata doirada.

A esta capella pertenciam riquissimas alfaias do ritual que se guardavam no Thesouro Velho e o terremoto de 1755 destruiu completamente. Mas são notaveis pela riqueza, arte e grandiosidade, os paramentos que ainda existem e que ha pouco foram expostos ao publico na igreja de S. Roque.

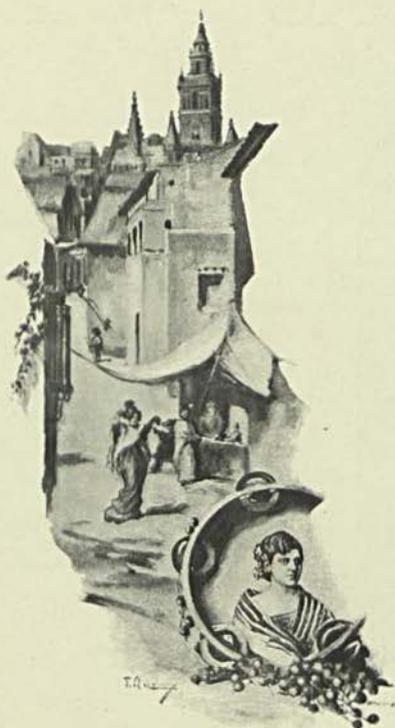
Antes de ser transportada para Portugal a capella foi armada em Roma e n'ella disse missa o papa Benedicto XIV, que recebeu a titulo de esmola a quantia de cem mil cruzados!

O artista que a construiu chamava-se Agostinho Massucci e ganhou uma fortuna com esta delicada e riquissima obra.

D. João V não chegou a ver-na igreja de S. Roque porque quando ella chegou a Lisboa estava o rei luctando com a doença que o matou. Foi D. José quem a mandou armar n'essa igreja, sendo exposta ao publico pela primeira vez no dia 13 de janeiro de 1751.

Todos os estrangeiros que tem visto esta verdadeira obra prima de arte sacra ficam maravilhados da sua incomparavel e grandiosa belleza.

Tendo custado milhões, quando D. João V morreu, o erario estava completamente empobrecido.



OLÉ! OLÉ!

(NEDITOS)

Sob as antigas adufas,
Quando no pandeiro rufas
Com o teu dedo;
E quando o repique espalhas
Das retinentes soalhas
Por Toledo;

Quando o teu corpo de zebra
Em meneios se requebra
Docemente;
E quando os quadris balanças
Nas mozarabicas danças
De serpente;

Quando o teu olhar salaz
Em sorrisos se desfaz,
E humedece,
Como se um lubrico beijo
Lhe inoculasse o desejo
Que amortece;

Quando prolongas roufenhas
As notas das malagenhas
Com languor,

E quando um *majo* te grita:
Olé! Olé! Carmencita!
Meu amor!

Quando as feiras hespanholas
Atrôas de castanholas
No fandango,
Mostrando no labio fresco
O vermelho pittoresco
D'um morango;

Alguem te envolve, sereia,
N'um olhar que se incendeia
E treslouca,
Com desejos de ir provar
O morango singular
D'essa bocca!

Esse alguem que tu nem vês,
Paralytico e refez,
Pobretão,
E que vae de feira em feira
De rastros na tua esteira
Como um cão;

Que te segue noite e dia
De Biscaya a Andaluzia
E te acompanha
Pelas praças de Sevilha
No paiz da seguidilha...
Pela Hespanha...

Já foi o heroe ovante
Que a multidão delirante
Applaudia,
E a quem nas praças de touros
Cobriu de palmas e loiros
A' porfia.

Foi o alvo dos olhares
Das bellas peninsulares
Em Granada
Já viu a seus pés Madrid
Conquistou Valladolid
Com sua espada!

Enfeiteçou gaditanas,
Dilecto das murcianas
Foi outrora;
Hoje não passa, coitado!
D'um toureiro estropiado
Que te adora.

Pequena! Dá-lhe uma esmola
Que o anima, que o consola,
Dá sem medo,
O teu sonoro adufe
Embora nunca mais rufe
Por Toledo.

E... melhor para o toureiro,
Que no fundo do pandeiro
Se retrate
O teu rosto em que sorria
O morango da alegria
Escarlate!

O S. JOÃO EM BRAGA



Casa típica em Braga



O carro dos pastores



Batismo do Senhor



Acima da Ponte

S. João Baptista

Na vasta e monumental historia do christianismo, umas vezes tragica, outras d'uma poesia e doçura infinitas, S. João é talvez o vulto mais notavel e mais imponente que se ergue entre as complicadas lendas d'essa gigantesca revolução philosophico-dogmatica de ha quasi vinte seculos!

E quando contemplamos esses quadros e imagens que nos representam o santo como um ingenho e innocente menino, tendo a seu lado o cordeiro branco, symbolo da paz e da resignação, ou o vemos ao lado de Jesus trocando com elle um infantil sorriso, a nossa imaginação fica-se a meditar nos grandes esforços que foi necessario fazer para suavisar nas almas dos crentes a grandiosa figura do illustre revolucionario, até a diluir n'este vago sonho de innocencia incharacteristica sob a qual elle é apresentado á veneração dos fieis.

S. João Baptista, o altivo e destemido filho de Baptista e de Isabel, o unico santo que até os israelitas respeitam e aceitam, foi sem a menor duvida, depois de Moysés, de David, de Salomão e de Judas Macchabeu, o vulto mais grandioso da historia da nação hebraica.

E esse vulto é tão bello, tão importante, tão sympathico e illustre, que não resistimos ao desejo de lhe traçar aqui a *silhouette*.

Depois da volta do captivo de Babilonia que durou quarenta annos, os hebreus entrados em Jerusalem trataram de reedificar o Templo que fora destruido por Nabuchodonosor. A custa das ladivas de todos elles, cada um segundo as suas posses, o Templo erigiu-se de novo, e se não teve o antigo esplendor quasi fabuloso que celebrava o primitivo, construido por Salomão, todo revestido de ouro, prata, marmores preciosos, malachite, e lapis-lazuli, sendo os seus vigamentos cortados dos troncos centenarios dos grandes cedros do Libano, ficou pelo menos um edificio imponente e magestoso, digno de n'elle se render a Deus o culto e o respeito que Lhe tributavam os hebreus.

Oito annos levaram os porticos a concluir, e anno e meio a nave. Era sob os porticos que diariamente se reunia uma multidão irrequieta e traficante que lá alli discutir, questionar, commercial, e até exercer as mais depravadas profissões. Toda a actividade da nação judaica concentrava-se n'aquelle grandioso recinto onde se travavam as mais acirradas questões religiosas, se ministrava o ensino canonico, e até eram julgados os processos crimes e as causas civis.

A entrada no sanctuario destinado aos sacrificios era interdita aos estrangeiros, e os romanos, respeitando como usavam, a religião de todos os povos submettidos ao seu dominio, cumpriam este preceito, observando á risca as inscrições gregas e latinas que indicavam o ponto até onde aos que não eram judeus se lhes permitia chegar.

A indole moral d'aquelle vasto repositório das velhas tradições de Israel era a mais baixa possivel. Vendia-se ali o gado para os sacrificios, havia mesas para trocar dinheiro, e uma infinidade de vendedores de sedas, frutas, doces, amuletos, reliquias e até da belleza corporal, ensamejavam em todos os porticos! Os sacerdotes ostentavam uma grandeza deslumbradora e um impudor condemnavel.

A familia Boethusim, amiga e allada dos romanos, dominava no summo pontificado, e o povo ignaro e credulo, desleixado e miseravel, difficilmente sentia a oppressão da patria e a perda da sua independencia.

Ainda assim, a recordação da familia dos Macchabeus, toda composta de homens energeticos, arrojados e destemidos, que tanto batalharam para salvar a nação judaica e fazer com que ella voltasse a occupar no mundo o brilhante e primacial logar que outr'ora occupava, não se havia apagado de todo da memoria dos israelitas.

De longe em longe e de vez em vez, apparecia um patriota exaltado que relembando ao povo as palavras dos antigos prophetas de Israel, o convidava á sublevação.

Ephemera era porém a missão d'esses revolucionarios, que, ou pereciam victimas da sua falta de precauções contra a guerra e ciladas que lhes movia na sombra o alto sacerdotio, ou se vendiam a este, abjectamente, desaparecendo depois, rapidos como um meteoro, e deixando mais abaladas a fé e a esperança do pobre povo sempre ludibriado.

João, porém, foi muito mais longe do que todos. Não se deixando vencer nem por ameaças nem por promessas, entrou francamente na lucta, e fez perceber a toda a Judéa que era tempo de accordar do criminoso torpor e erguer-se como um só homem para succudir do seu territorio o jugo estrangeiro.

Reinava então no paiz de Israel Herodes Antipas, discipulo fiel do epicurismo grego e que não ligou a João mais importancia do que até alli ligara a quantos o precederam.

Outro tanto não succedeu a sua mulher, a formosissima Herodiade. João, que era arrebatado, e dotado de uma grande audacia de phrase, verberara-lhe em publico a sua vida desregada e licenciosa, cheia de crimes e devassidões levadas até ao incesto. Herodiade, ferida no seu amor proprio, queixou-se ao marido, que deu ordem para que prendessem o atrevido demagogo.

João foi prevenido, porque o seu trabalho de revolucionario dia a dia creava novas e valiosas adhesões, e refugiou-se no deserto. Ahí alimentando-se de gafanhotos e raizes, encorajando o animo e o espirito nas asperzas da vida selvagem, recebia os seus confidetes e avolumava progressivamente a obra revolucionaria em que se empenhara. Falaram-lhe de Jesus, ao tempo idolatrado por toda a Gallia pasmada das suas theorias sublimes e da colossal pureza dos seus sentimentos, e desejou conhecê-lo.

Jesus foi conduzido á sua presença, trocaram as suas opiniões e intenções, e João ficou convencido de que o grande predicator seu compatriota não lhe convinha para os fins a que visava. A obra de Jesus era toda de paz, de amor e de redempção, enquanto que a sua era de guerra, de valentia, e de exclusivo sentimento patriotico. Não hesitaria em pôr toda a Judéa a ferro e a fogo, comtanto que a independencia da patria fosse reconhecida, o dominador expulso, e o antigo esplendor nacional voltasse a enobrecer todo o paiz.

O revolucionario não podia, sob principio algum, concordar com o philosopho.

E a obra da revolução avançava rapidamente ameaçando desfechar n'um sublevamento igual ao que fizera Judas Macchabeu.

Aos ouvidos de Herodiade chegaram indicações precisas acerca do trama, e, por não se terem n'ella extinguido os desejos de vingança contra o Baptista que a diffamara em publico, e tambem por instincto da sua propria segurança, revelou tudo ao marido, mostrou-lhe os perigos da situação, e convenceu-o de que, ou vencedores ou vencidos os romanos, era elle quem, na sua qualidade de tetrarcha, tinha tudo a perder.

Herodiade sabia convencer bem, com a arte das suas palavras e com a força dos seus encantos. Antipas receiou, deu ordens terminantes, e João foi preso no deserto e encerrado na fortaleza de Machero.

Estava irremediavelmente perdido.

Herodiade ainda tentou seduzir-o comprando a sua traição a peso de ouro e de promessas, pois temia que o paiz se sublevasse ao ter conhecimento de que o chefe patriota fora preso.

Caracter irascivel e iracundo como o propheta Elias do qual era o continuador brilhante, João, no carcere, vomitou contra ella os mais pungentes insultos chegando a chamar-lhe *desprezível corteçã, que, velha, roubara todas as côres de Israel para disfarçar os estragos da idade*.

Era o derradeiro golpe. Ferida na sua desmedida vaidade de mulher, Herodiade sentenciou-o á morte no mysterio tenebroso do seu coração feroz, vingativo e cruel.

Antipas porém não queria que João morresse. Receiava a revolta, e esperava que o carcere lhe abrandasse as fúrias. Demais, matar um homem accusado de pretender libertar a patria do jugo estrangeiro era um caso grave que lhe podia custar o sceptro.

Acima de tudo, Herodes Antipas era um politico.

Celestialmente seductora a gentil Salomé, filha de Herodiade.

Divinamente bella e formosa na alvorada da sua mocidade, mais fresca que os lyrios de Getsemani, mais perfumada que as rosas de Jericó.

A natureza fizera-a uma tentação irresistível, o verdadeiro symbolo do peccado da carne.

Herodes Antipas era um cynico e um sensualista, e o seu coração valetudinario deixou-se prender nos encantos d'aquella que devia respeitá-lo como filha. Herodiade surprehendeu essa paixão e em vez de se indignar tratou de a explorar como arma poderosa para levar a cabo a vingança projectada.

Baixou mesmo até á indignidade de se conluar com a filha, e, tal mãe tal filha, Salomé acceitou o pacto!!

Em toda a Judéa ninguém sabia dansar como Salomé a dansa das alméas, essa dansa egypcia, dolente, voluptuosa, cadenciada, lubricitante e morna, como uma noite do oriente.

Envolta na sua transparente gaze de Tyro, as fôrmas esculpturales e phidiascas revelaram-se como vistas atravez um sonho encantador. Era ao cair da tarde, tarde de verão serena e calida como todas as da Judéa. Herodes Antipas mergulhado n'uma semi-embriguez, provocada por um Ghipe magnifico que lhe haviam oferecido, rogou a Salomé, n'esta tarde mais seductora que nunca, que dansasse.

Salomé recusou, e Antipas instou, dizendo-lhe que lhe satisfaria qualquer pedido que ella lhe fizesse.

Salomé obrigou-o a dar a palavra. Antipas deu-a, e ella dansou, com um primor, uma graça e uma seducção incomparaveis.

Quando terminou, Antipas entusiasmado disse-lhe:

Pede.

E ella respondeu: Tetrarcha, deste-me a tua palavra de rei que me satisfarias qualquer pedido que eu te fizesse, se dansasse, não é verdade?

— E' — respondeu Antipas.

— Eu cumpri a minha, cumpre tu a tua.

— Que desejas?

— Desejo a cabeça do Baptista.

Herodes Antipas teve um gesto de surpresa, mas incapaz de se mostrar covarde ou faltar á fé jurada respondeu simplesmente:

— Manda a buscar.

A ordem foi transmittida, e ao cabo de alguns minutos a cabeça do illustre proclamador da independencia de Israel era trazida á presença da formosa Salomé, sobre um prato de ouro.

Antipas voltou o rosto para a não ver.

Herodiade cuspiu-lhe na face livida!!

E eis n'um rapido esboço o fim tragico d'esse homem notabilissimo, de carácter austero e consciencia limpa, que tentou o ultimo esforço para arrancar ao abysmo, onde se afundou para sempre, a grande nação hebraica, que teve por chefe o maior vulto da antiguidade, Moysés, o amigo do Senhor!

E eis o que foi, como viveu, e como acabou, esse santo celebrado em todo o orbe, o santo das lendas, das moiras encantadas, e um dos mais festejados no norte de Portugal, em Braga especialmente, como o provam as gravuras illusivas que publicamos n'estas paginas e que representam algumas das scenas mais typicas e caracteristicas d'essa festa popular que não tem rival no paiz, tal é o cunho tradicional dos seus detalhes, a variedade e pittoresco das romarias que accorrem á capital do Minho, e a extraordinaria animação que n'esses tres dias apresenta a velha cidade dos arcebispos.

RIO DE JANEIRO



POLICIA CIVIL DE LISBOA



Coronel Moraes Sarmiento
Commandante da policia de Lisboa

Junte-se a estas qualidades de competencia um inquebrantavel espirito de justica que as realca a todas.

Severo para os que delinquem, intransigente em castigar os que transgridem os seus deveres, é ao mesmo tempo d'uma longanimidade inexcedivel para os zelozos cumpridores das suas obrigações, para os que recorrem ao seu patrocínio.

São por tudo isto justas as considerações com que o tem distinguido, não só o chefe do estado mas os governos dos varios partidos, porque todos reconhecem n'elle uma lealdade que se não dobra.

É de todos sabido o agrado que causou ao Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil por occasião da sua ultima visita a Portugal a presença da policia de Lisboa.

Manifestando por varias vezes este agrado, solicitou do commandante geral d'este corpo de segurança, varias indicações que lhe foram enviadas.

Animados dos mesmos intuitos, alguns Estados brasileiros tem pedido por intermedio do respectivo consulado n'esta côrte diversas elucidações que promptamente lhes foram satisfeitas.

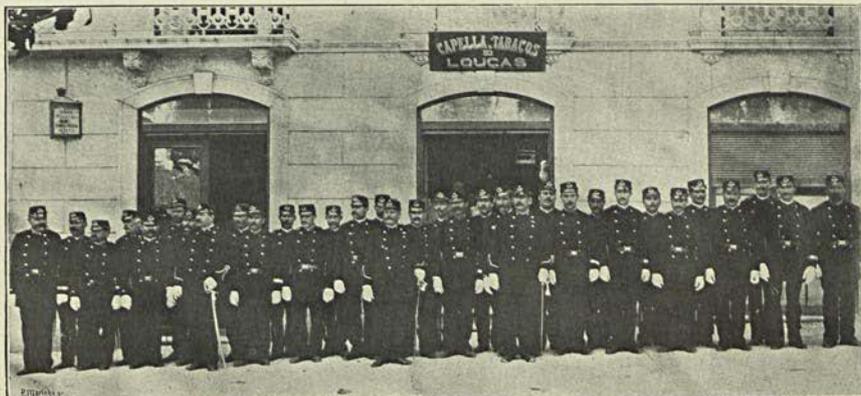
Correspondendo aos desejos que o Brasil parece manifestar de conhecer a fundo a organização do corpo policial de Lisboa resolvemos dal-a hoje nas nossas paginas supplementares.

O Commandante Geral

O coronel da arma de cavallaria José Antonio de Moraes Sarmiento, ajudante de campo honorario de Sua Magestade El-Rei, cavalleiro da Torre e Espada, commandador da Conceição, e condecorado com a medalha de prata de comportamento exemplar, é, desde 1893 o commandante geral da policia de Lisboa.

N'este cargo, d'uma responsabilidade grave e delicadeza extrema, se se attender ao que se deve exigir do serviço policial, pautado pelas regras a que elle obedece nas grandes cidades, muito deve Lisboa ao coronel Moraes Sarmiento.

Não é ainda tudo, não é bastante, mas é certo que elle tem dado á policia uma orientação nova e uma disciplina rigorosa, pelo cunho pessoal que lhe tem imprimido, pela adaptação intelligente dada aos processos adoptados pelos paizes mais cultos n'este ramo de serviço publico, e, acima de tudo, pelo proprio exemplo da sua seriedade individual.



Esquadra de policia

Lucta contra a tuberculose



Dr. Manuel Antonio Moreira Junior

Que devo eu dizer agora que o não sinto todo o povo português o amor emmenzo, a gratidão profunda, a admiração a um tempo respeitosa e entusiastica por S. M. a Rainha, a sr.^a D. Amelia, attenta a sua brilhante iniciativa n'este movimento tão humanitario contra a tuberculose?

Que hei de eu dizer senão que esta propaganda será altamente efficaz, desde o momento em que a patrocina-la e orientar-se encontra Quem, collocada no vertice luminoso da nossa hierarchia social, tanta dedicacão faz brotar espontanea e effusivamente do coração de nós todos?

E que era necessario que se fizesse em Portugal este bello movimento é affirmacão que desde muito se impõe: provam-no a evidencia, com a sua eloquencia lugubre e esmagadora, os numeros representativos da mortalidade pela tuberculose, doenca que não poupa sexos, que não evita edades, e que, se fere o rico, por mil razões exgotado, especialmente tortura o pobre, já correndo em las visceras n'uma consunçao que punge, já roubando o como amparo á familia miseranda para quem se converte em peso incomportavel que a caridade dos seus, por mais piedosa, nem sempre consegue vantajosamente encobrir.

No Reino-Unido andam por cerca de 75 000 as victimas que a tuberculose faz annualmente, sendo proximaente 55.000 pela pulmo-tuberculose.

Em toda a França approximam-se de 850.000 os obitos que a estatistica aponta por anno; pois mais d'um quinto, cerca de 150.000, resultam de tuberculose.

Em Paris orça por 20 % da mortalidade geral a que no obituario figura dependente da tuberculose.

Em Portugal, segundo calculo provavel, suppõe-se em numero de 20.000 as victimas de tuberculose, de que 15.000 de pneumo-tuberculose.

A mortalidade geral em Lisboa e a mortalidade especial devida á tuberculose nos annos que vão de 1893 a 1896 (inclusivê), segundo a nota que officialmente me foi fornecida, consta do seguinte quadro bem significativo:

Obitos em Lisboa

	Total dos obitos	Obitos pela tuberculose pulmonar	Outras tuberculoses	Total pela tuberculose
1893	8257	1024	600	1624
1894	8560	1105	560	1665
1895	9343	1149	546	1695
1896	9683	1419	283	1702

NOTA — A populacão, pelo censo de 1890, foi calculada em 301.206 individuos.

E, todavia, a tuberculose *cura-se* e, mais ainda, a tuberculose é *evitavel*.

A tornar ainda mais sombrio o exame está a circumstancia de que esta doenca destróe particularmente os individuos na phase mais valiosa e sorridente da vida; segundo a estatistica de Köhler, na idade de 15 a 60 annos, $\frac{1}{3}$ da mortalidade é devido á tuberculose.

A institucão de sanatorios (visto a sorotheraphia ainda não ser mais que uma esperanca seductora, é preciso frizal-o) eis o meio de véras efficaz para a lucta: lá fóra obtem-se curas que attingem a percentagem de proximaente 50 % n'alguns dos sanatorios, para indigentes, construidos.

Para este resultado se conseguir tres elementos se devem conjugar e bastam: *pureza do ar*, de dia e de noite, *abundancia e variedade d'alimentacão appropriada*, e *repouso physico, intellectual e moral*. Os ricos facilmente poderão realizar esta conjunçao therapeutica, mas os pobres como conseguil-a, se a caridade official e a particular se não consorciarem intimamente de molde a serem-lhes prestados em sanatorios todos os cuidados que necessitam?

Mas curar não basta; alguma coisa melhor se impõe: que os nossos esforços se alieem no intuito d'evitar a propagação da doenca ter-rível.

Os resultados que a tal proposito se conseguem, havendo uma persistente e sãbia orientacão hygienica, a sciencia hoje rasgadamente os regista, e as estatisticas relativas ás cidades, em que a sério se pensa n'estes assumptos e se realisam as boas medidas que a hygiene aconselha, nitida e frizantemente põem em alto relevo.

Que os poderes publicos coadjuvem, e valiosamente, a lucta, attendendo quanto possivel as causas de depauperamento organico, beneficiando os hospitaes (onde desde muito se reclama o isolamento dos tuberculosos), as casernas e as cadeias, melhorando os exgotos e fiscalizando as fabricas, officinas e escolas, centros em que facilmente pullula e se transmite esse infinitamente pequeno — o bacillo de Koch — microscopio nas dimensões, mas gigante nas devastações que promove no delirio do seu pernicioso desenvolvimento!

E' um dever a cumprir e n'este sentido tem sido felizmente categoricas as affirmacões feitas pelo illustre ministro do reino e presidente do conselho, sr. José Luciano de Castro, que, de resto, deu já um testemunho eloquente dos seus bons desejos pela apresentacão do seu projecto de lei sobre *assistencia aos tuberculosos*, projecto de lei porventura susceptivel de modificacões, mas de véras expressivo na sua significacão.

Enlacemos todos, governo e particulares, as nossas energias, conjuguemos os nossos melhores esforços na lucta contra a tuberculose.

Eis a aspiracão humanitaria que fervorosamente nutro e que não ha medico que a não sinta.

Os ricos contribuem com a sua bolsa quer para o estabelecimento dos sanatorios em que a cura se colhe, quer para amparar a familia desvalida a quem falte o chefe; o governo cuide desveladamente de todos os assumptos á saude publica attinentes; os medicos façam uma propaganda tenaz, auxiliados pelo jornalismo benemerito e patriotico, infiltrando ao mesmo tempo no espirito do povo ignaro as noções da hygiene.

N'esta obra santa servir-nos-ha de estimulo a bondosa sollicitude que pelos infelizes se derrama do throno real, sollicitude que se desentranha em piedosas caricias, apenas exigindo uma condiçao — que haja, seja onde fór, um soffrimento a minorar.

MANUEL ANTONIO MOREIRA JUNIOR.

COSTUMES PORTUGUEZES



Typo popular

A CINCOENTA kilometros da poetica e verdejante Coimbra, e situada na margem direita da foz do Mondego, o rio cantado por Camões, nos amores da linda Ignez, ergue-se a cidade da Figueira da Foz, a mais bella e concorrida estância balnear de todo o paiz.

Disfructando uma temperatura doce e amena, dispondo de vastos horizontes de terra e mar, a Figueira é por excellencia a estação hydrotherapica procurada pelas familias elegantes de Portugal e Hespanha.

Favorecida por esse elemento *chic* e distincto que a frequenta de julho a fins de setembro, a sua apparencia é tambem distincta mantendo um accio impeccavel, pouco generalisado nas terras de provincia. Sempre augmentada e embellezada inaugurou o anno passado o novo Casino que é um estabelecimento luxuoso e de primeira ordem, o melhor de todos que no genero existem em Portugal e que pôde soffrer comparação com muitos dos mais celebrados do estrangeiro.

Tempo virá, e talvez não muito distante, em que a Figueira será considerada uma das estações balneares mais concorridas da peninsula, e a ella accorrerá a *haute gomme* estrangeira.



Figueira da Foz

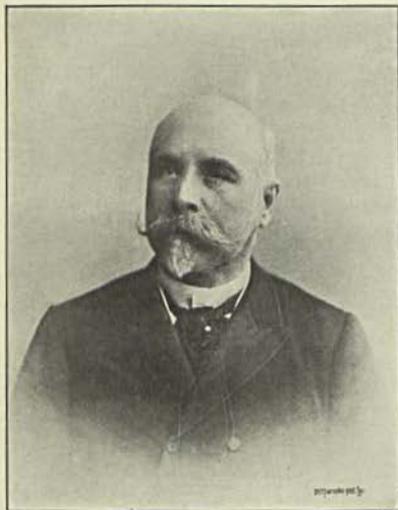


A Esquadra Franceza



Fundada na bahia de Ceesees ás 8 horas e meia da manhã do dia 11 de junho ultimo

Conselheiro Ernesto Cibrão



Ernesto Cibrão

Deve-lhe muito o *Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro*, deve-lhe muitissimo o *Hospital Portuguez de Beneficencia*, da mesma cidade.

Caracter diamantino, egualando a modestia ao verdadeiro valor, o conselheiro Ernesto Cibrão é um dos portuguezes mais em evidencia na florescente Republica dos Estados Unidos do Brasil e um dos que pelos meritos pessoaes mais honram a patria ausente.

O *velho ditado: o homem põe e Deus dispõe* poucas vezes terá tido mais clara realidade do que na pessoa do conselheiro Ernesto Cibrão, um dos ornamentos mais prestigiosos e importantes da colonia portugueza no Brasil.

Desejando seguir a vida militar, aos 16 annos de idade alistou-se no regimento de artilheria 3, cursando com grande aproveitamento as escolas Polytechnica e do Exercito. A meio d'esses estudos surprehendeu-o a fatalidade de uma doença tão pertinaz, que, não só se viu obrigado a interrompel-os, como tambem a dar baixa do serviço.

Sobrava-lhe porem actividade e aspirações, e o meio era pequeno para o seu talento e para as suas aptidões raras.

Partiu pois para o Brasil a tentar fortuna, e esta não lhe foi adversa.

Inclinado ás bellas letras das quaes foi sempre um cultor assiduo e devotado, ellas mereceram-lhe especial attenção durante as horas que podia extremar do seu labor commercial. Assim, escreveu e publicou varias obras poeticas e dramaticas, taes como, *Poesias*, editada em Paris; os dramas, *Luis*, *Os homens do campo*, e *Dois amores*, e as comedias, *Um bilhete*, *As erratas*, e outras, representadas com geral applauso nos theatros do Rio de Janeiro.

Casimiro de Abreu, Soares de Passos, e Gonçalves Braga, tres peetas de raça e de alma sublime, foram seus amigos intimos e companheiros fisicos que lhe admiravam as facultades do talento.

Mais tarde veio á Europa em missão commercial, e visitando a Inglaterra, a França, a Suissa, a Allemanha e a Italia, colheu, mercê do seu espirito superior e bem educado, um vasto cabedal de conhecimentos scientificos e litterarios, que, de volta ao Brasil, lhe asseguraram um alto e distincto logar, não só na colonia portugueza, como ainda entre os brasileiros mais illustados.

EM FOCO

Olavo Bilac
(Rio de Janeiro)Raul Brandão
(Porto)

LORJÓ TAVARES

De uma carta particular d'este nosso prezado collega reproduzimos integralmente os períodos que se seguem pelos quaes Lorjó Tavares nos deixa ver as impressões de uma feérica viagem pelo Amazonas. Não é essa descrição feita em estylo litterario, mas despreoccupado e familiar, proprio de quem nem sequer pensava no grande publico d'esta Revista

Elle que nos releve a indiscrição justificada pelo desejo de não tornar apenas de nós conhecidas as impressões de viagem, que é interessante tornar publicas.

Peto Amazonas

A bordo do «Augustine» — 10 de maio de 1899

O Amazonas é enorme, mas monotono, pesado, todo sereno e barrento, com a sua grande vegetação compacta que não deixa ver um palmo de planície, nem um pináculo de cerro. Estreito aqui, largo acolá, é como um lago liso. E faz dormir. Pelas margens apparecem casitas de colmo, assentes em estacarias, e gentes barrentas, semi-nuas, que se ficam a ver-nos. O rio vai coalhado de pequenas ilhotas todas tapadas de verdura, aos milhares. São pedaços de plantações ou hervas, arrancadas pelas cheias e que seguem para o mar. Os nossos olhos chegam ás margens e param ahí. Não ha maneira de ir mais longe. Tudo tapado por espessos muros de verde-negro, arvores emaranhadas, arbustos, fetos, palmeiras, fazendo parede. A's vezes vê-se a abertura de uma abobada escura que se estende por ahí além e por onde se esgueira uma canoa de indios. E sobre toda esta original e pittoresca paisagem phantasiem um sol a prumo, impotente para frigar a vegetação mas que nos queima e nos faz lembrar o dos bellos dias de agosto que nós ahí temos. Abençoado paiz e abençoado clima a que o acaso e um ideal me trouxe-ram!



Indio gavião

Se isto que se vê fosse o cantado Amazonas, o monstro seria um reles rio, sem direito a louvaminhas.

E' de respeito, palavra, esta creença que vai afogar-se no mar largo por um boqueirão de 40 leguas de largura, resvalando pelos rebordos da ilha de Marajó, que tem o tamanho de Portugal e que lhe apanha os impetos mesmo á sahida!

De tarde reconciliei-me um pouco com o colosso. Lá muito ao longe vi já uns cabeços em corcovos de serras muito modestas, e mais nada. O pittoresco das habitações palustres foi-se. Agora é tudo arvoredo que entra pelo rio dentro e que nasce do fundo.

Terra é coisa que não apparece. E a agua sempre como um espelho faz-me desespear.

E' uma solidão atroz, pesada, sem vento, sem ruídos, sem passaros, sem coisa que chame a attenção. Apenas vi dois passaros grandes, esculos e brancos, um poissado n'uma ilhota de verdura que seguia rio abaixo, outro n'uma arvore enorme. Dois exemplares curiosos, muito elegantes, altos, pescoco agudo e bico comprido. Não se moveram nem se voltaram para nos serem passar. De uma indiferença verdadeiramente britannica os dois solitarios d'estas paragens mortas em que só parece haver a vida vegetal, tão grande na sua seiva, mas de uma immobillidade que nos consterna. Quando o sol desapareceu o dia morreu logo, quasi sem transição. Não lá crepusculo. E eu vim para a ré sentar-me, meio contristado com a noite, e depois vim escrever algumas linhas, á fresca, n'esta liberdade e n'este deserto do navio que corre parellas com o deserto das margens amazonicas. Está todo illuminado mas não vejo ninguém. Sumiram-se todos para os beliches.

Sou uma especie de rei pequeno n'esta ilha fluctuante onde só se ouve o bater da helice e o rumor das minhas grandes aspirações. Parece que estou a fazer estylo barato? Pois não estou. Escrevo para quem me sintam vocês e para retardar o supplicio dos mosquitos que me esperam lá em baixo e que aqui mesmo me furam as calças e as meias. Amanhã devemos avistar e passar por Obidos e por Santarem, duas povoações do Amazonas, mas onde não pararemos.

A's 6 nascia o sol; puz-me debaixo do banho de chuva, tomei o meu café com torradas, enverguei um piamb, sentei-me na minha cadeira e dormi como um justo, á fresca, até ás 9. Valha-me o somno. São horas de esquecimento, e quando accordo acho-me mais perto do fim.

Depois fiz a barba, vesti coisa leve, almocci como um abbaide, accendi um charuto e vim para o convez.

Talvez lhes não agrade esta especie de diario banal que me impuz e que lhes imponho.

Não me queiram mal por isso. Preciso de comunicar impressões. Sinto-me assim mais acompanhado. E' meio dia. Estamos a 50 horas do Pará, pouco mais de meio caminho andado.

Continua igualmente o aspecto das margens d'estes canaes intrincados que se succedem. Ha pouco deixámos pela esquerda a villa de Santarem e enfiámos por outro canal. Santarem está na embocadura do rio Tapajós, cujas aguas se destacam por completo d'estas por onde navegamos. E' uma agua azulina, pura, ao passo que esta é barrenta.

Santarem divide-se em duas metades bem distinctas — uma com bons edificios cor de tijollo, a sua cathedral enorme, a outra toda de palhotas, que dizem serem restos, reliquias, dos seus antigos fundadores americanos. E' o arduval e fresca e nem precisa de molico. Ah! por volta das 6, ao pôr do sol, deveremos passar por Obidos, outro nome a recordar coisas de lá, e depois de amanhã de madrugada fundaremos em frente de Manáos.

Outra tarde deliciosa hoje. A temperatura continúa entre 32 e 35 grátus, mas no convez, com o andamento do vapor deslocase uma aragem que conforta. Pouco antes do pôr do sol passámos por Obidos. Muito pittoresca a terroela, posta em terreno accidentado e dominando do alto o rio. D'ahi por pouco este pequeno oásis perdeu-se na nevoa da tarde, e o navio seguiu no rumo do poente, direitinho ao sul, e rente sempre com a margem pela esquerda. Começa a vêr-se grande numero de habitações palustres, alguns palmos acima da agua e meio escondidas pelos arvoredos escuros. N'esta época e durante mezes a agua sobe. Os terrenos são todos alagadicos e baixos.

Toda esta gente se emprega na cultivação do cacau e tabaco. Tudo que se avista por estas margens fóra é cacáu. Uma riqueza explorada por gente da região e do Ceará que para aqui vêm tentar fortuna. Esta ao menos está n'um clima relativamente bom. Já não succede o mesmo aos que se empregam na extracção da borracha, nos afluentes do Amazonas, como o Purús e o Javary.

Apertou hoje o calor, brutalmente. E nem uma pequena aragem. Escrevo no convez, debaixo dos toldos, entre a montanha do capitão que dorme e a margem do canal. Deve já ser o centesimo canal que atravessamos. A paisagem continua sem modificação. A's 11 horas passamos por *Uracurubuta*, pequeno povoado com uma duzia de casinhotos, á beirinha da agua. E' realmente tremendo o Amazonas!

A' força de original chega a ser curioso, sobretudo pelo que se não vê, a começar na sua verdadeira largura. Caminhamos sempre rezando com a margem esquerda e á esquerda da margem o suaz a advinha dentro d'esta floresta continue—gritarias de periquitos, troncos que se roçam, guinchando como noras, uma perna que se parte, coisas que cáem surdamente na agua, uma moita que se move por si chocado por algum jacaré, ruidos covas, personagens que se arrastam e que devem ser cascaveis colossais. Deve haver ahí dentro um mundo infinito de bicharia—mosquitos como morcegos, aranhões de palmo e meio, cobras, lagartos, macacos, jacarés, o demónio e Ha. Hoje de manhã vimos um, ao sol, n'uma restinga de lodo. O respeitavel bruto teria o tamanho de uma retranca e lá ficou de cabeça no ar.

Chegámos. Manáos é linda vista de fóra. A bella e progressiva capital do Amazonas attrae-me. E' banhada pelo Rio Negro, afluente do Amazonas. Compreem um mappa e vejam me de lá por um oculo. Adeus.

LORJÓ TAVARES.



A TOIRADA EM BENEFICIO DO INSTITUTO D. AFFONSO

(A' antiga portugueza)



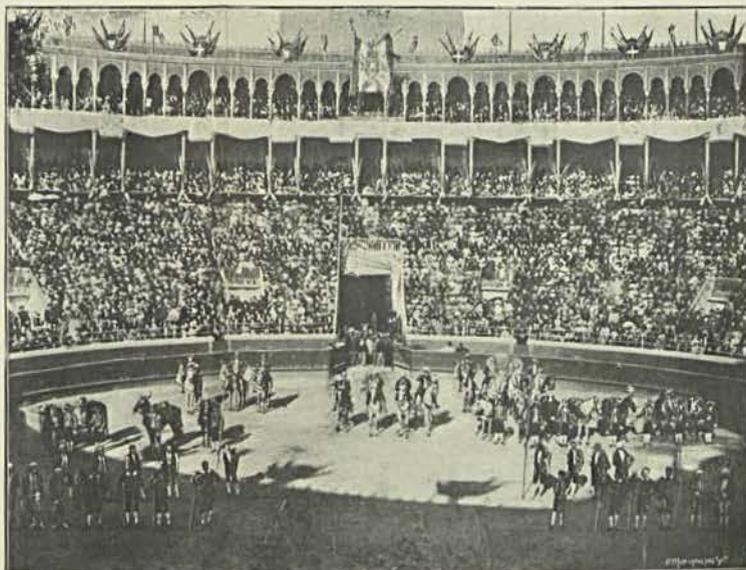
Rainha D. Maria Pia

Infante D. Affonso



Cidade de Bragança de Monção
Camarote real

A PRAÇA DO CAMPO PEQUENO



Cidade de António Borges
Cortezas



Cidade de António Pereira
Líderes



Cidade de António Pereira
Visconde de Varzea



Cidade de António Pereira
O coche real com os cavalleiros



Cidade de Bragança de Monção
Ao chegar à Praça



Cidade de António Soares
Luiz de Rego



Cidade de António Soares
António de Siqueira Freire
(St. Martinho)



Cidade de António Soares
Visconde de Alverca



Cidade de António Soares
O boi da tarde

OS NUMEROS

O Boletim Commercial publicado mensalmente pelo ministério dos negocios estrangeiros, e que é a continuação mais methodica e melhor ordenada dos Relatorios dos consules anteriormente publicados pelo mesmo ministério, é uma das mais uteis compilações oficialmente editadas. É o registro periodico dos factos internacionaes que mais podem interessar ao commercio, á industria e á agricultura. Não me consta porem que este trabalho, tão aproveitavel e de tamanha copia d'informações, esteja tão vulgarizado como mercia. Se eu alguma vez voltar a este logar com outro artigo, ha de ser para me referir designadamente a essa obra, onde ha por certo muito a aperfeiçoar, mas onde ha tambem já muito que aproveitar. Hoje trago ajenas algumas observações, que foram escritas a proposito da leitura dos ultimos fasciculos do referido Boletim, e eis ahi está porque se abre este escripto com o exordio da sua invocação. Alguns factos e algarismos que n'elle se apontam foram-me suggerindo considerações, que encadeadas umas nas outras me levaram á tentativa de definir estados economicos, financeiros e sociais do nosso paiz. Mostra-se n'este artigo um fugitivo exemplo d'essas considerações, expresso mais em numeros do que em discursos, porque é tambem a linguagem dos numeros, que, substituindo as enfeitadas velarias da rhetorica e as artificiosas subtilidades da dialectica, melhor se faz comprehender, dizendo mais depressa, exprimindo com maior clareza e fazendo ressaltar mais visivelmente os correlarios e as applicações. A proposito de noticias do commercio e dos algarismos que va varias das suas phases se expressam em logares do citado boletim, vão deduzir-se aqui algumas consequencias, que resultam dos numeros mais particularmente relativos a Portugal.

Pela ordem da sua importancia commercial, e expressando se em francos o valor das importações e exportações, podem as nações europeas ser classificadas pela maneira seguinte:

Gran-Bretanha com...	19.000	milhões de francos
Alemanha	13.800	„ „
Francia	9.350	„ „
Hollanda	6.689	„ „
Belgica	5.750	„ „
Russia	4.850	„ „
Austria-Hungria	3.770	„ „
Italia	2.900	„ „
Suissa	1.780	„ „
Hispanha	1.760	„ „
Dinamarca	1.040	„ „
Suecia	980	„ „
Romania	670	„ „
Noruega	550	„ „
Portugal	430	„ „
Grecia	180	„ „
Servia	110	„ „
Total d'estas 17 nações da Europa ..	70.600	milhões de francos

Assim o valor declarado de todo o commercio externo das diversas nações da Europa, comprehendidas importações e exportações, é de 70.600 milhões de francos. Ha porém um forte coefficiente de correcção a applicar a esta somma. Os valores, attribuidos nas estatisticas aduaneiras ao commercio de cada uma das nações, têm de ser consideravelmente reduzidos, pois que todas as mercadorias, que saem de um paiz para entrarem n'outro, figuram simultaneamente no montante das importações e exportações. São verbas repetidas. D'este modo o valor de todas as mercadorias importadas e exportadas, que constituem o trafego internacional europeu, não podendo ser calculado em mais de metade do que consta das estatisticas das aduanas, não deve exceder portanto 35 a 36 mil milhões de francos ou 3.600 milhares de contos da nossa moeda ao par. Isso porém nada importa para o caso, visto que em todos os algarismos a comparar se comprehendem as sommas totaes do commercio, e são justamente essas sommas que, abrangendo produções e consumos, melhor definem o valor economico de uma nação. Contudo para que se possa tirar o significado a esses algarismos é necessario confrontal-os com outros, que sejam indicadores da população, do progresso commercial e dos encargos com que as nações se acham respectivamente oneradas. Os 430 milhões de francos do nosso commercio, repartidos por uma população de 5 milhões de habitantes, dão 86 francos por habitante, o que é menos de metade da capitação commercial media para toda a Europa, que é de 195 francos, e comparando a importancia das transacções commerciaes das diversas nações com a sua população, vê-se tambem que Portugal occupa o decimo-terceiro logar com esses seus 86 francos de capitação. A nação que va á frente, e a uma distancia enorme de todas as outras, é a Hollanda, cujo commercio externo corresponde a 1.430 francos por habitante. Depois seguem-se a Belgica com 837, a Suissa com 663, a Inglaterra com 560, a Dinamarca com 472, a Noruega com 376, a França com 290, a Alemanha com 216, a Suecia com 215, a Romania com 134, a Hispanha com 103, a Austria-Hungria com 90, Portugal com 86, a Grecia com 82, a Italia com 76, a Servia com 53 e a Russia com 51.

As capitações commerciaes são indicadores de riqueza, mas os

algarismos que as representam carecem ainda de novos coefficientes de correcção. Assim, quando a verba das importações exceder muito a das exportações, e não haja no paiz onde isso acontecer outros meios de saldar os deficits commerciaes, não pôde a capitação do commercio ser indicador seguro de riqueza publica ou particular. Dos quatro paizes onde a capitação commercial é inferior á do nosso, a Servia e a Russia exportam mais do que importam (65 e 280 milhões de francos de exportação contra 45 e 265 milhões de importação respectivamente) e na Italia é o desequilibrio entre a exportação e a importação tão pequeno que raras vezes se representa por uma differença de mais de 8 %, da importancia total do seu commercio. A conclusão a tirar d'estes factos e d'estes numeros é que, exceptuando a Grecia, ha nos paizes da Europa de capitação commercial inferior á nossa um commercio interno de productos nacionaes, que serve os seus habitantes e os dispensa de saldar a dinheiro excedentes d'importação. N'alguns dos outros paizes de grande commercio é grande o excedente de importação sobre a exportação, mas a esse excessivo de entradas de productos exóticos nem sempre tem de corresponder, como entre nós, a saída de numerario para saldar deficit.

A antiga theoria da balança do commercio considerava que quando as importações de mercadorias excediam as exportações, a esse excedente teria sempre de corresponder uma saída de numerario, mas esta theoria torna-se cada vez mais inexacta pela expansão dos valores mobiliarios estrangeiros, pois que os outros paizes possuem numerosos capitales colheidos em grandes fronteiras das outras nações, podendo pagar as mercadorias com o que cobram em dinheiro. Estão n'esse caso a Inglaterra e a Alemanha, onde o excedente das importações sobre as exportações foi ainda no anno passado de 22 e 13 %, respectivamente do seu commercio total, mas onde esse deficit é compensado ou mesmo excedido pelos lucros dos capitales empregados em fundos publicos dos diversos Estados, ou em Companhias e empresas estrangeiras. A França mercadorias que importa a mais do que exporta, mas os seus capitales collocados fóra do paiz em titulos de dividas nacionaes, acções e obrigações, e que segundo os calculos de Neymark em 1893 montavam a 20 mil milhões de francos, e segundo Leroy-Beaulieu em 1897 deveriam atingir 25 mil milhões, representam um ingresso de juros e amortizações não inferiores a 1000 milhões. Na Inglaterra é avaliado em 60 mil milhões de francos o capital nacional empregado em valores mobiliarios estrangeiros, e na Hollanda, que succedeu ás cidades italianas nos emprestimos ao commercio do mundo, já calcula em mais de 60 milhões de florins o rendimento de capitales neerlandezes no estrangeiro. A Suissa possui tambem grandes capitales fóra das suas apertadas fronteiras, a Belgica está espalhando largamente pelo mundo as suas sobras, e a Alemanha, apesar de não ter saído por ora do periodo mais dispencioso da sua revolução industrial, e ahi se anda por esse motivo muito forte e bem remunerada a procura do dinheiro, começa tambem já a collocar fóra do imperio uma parte dos seus capitales. Em todos estes paizes saem das sobras as contas das mercadorias importadas, porque o que falta ao producto da exportação é coberto pelo rendimento dos valores estrangeiros, e em quasi todos os restantes, ou as mercadorias exportadas dão para as importadas como na Austria-Hungria, na Hispanha e na Servia, ou se possuem diversos meios de pagamento no estrangeiro, como são por exemplo na Suecia, na Noruega e na Dinamarca os que lhes fornecem as suas marinhas mercantes, em serviço do commercio nacional e estrangeiro, com o producto dos fretes e dos armatimos.

O nosso paiz, que está, como se viu, quasi no fim da escala sob o ponto de vista commercial, não tem a vantagem de poder pagar as mercadorias importadas com as exportadas, porque importa muito mais do que exporta, e não dispõe de outros meios de pagamento lá fóra para saldar as differenças, porque não tem como alguns paizes marinha mercante sua que lhe restitua em fretes o que lhe levam as mercadorias, nem recebe juros do estrangeiro, como outras nações, porque todo o capital portuguez collocado fóra do paiz não va certamente alem de 15.000 contos, e esta somma não pôde produzir, a taxas diminutas, mais de 400 contos, que é um deficit commercial de 15 a 16 milhões de francos, e a attenção de pouca monta, ainda que todos os capitalistas preferissem a capitalização externa a transferencia annual para o reino de todo o seu rendimento. Ora da somma de deficits commerciaes accumulados resultam fatalmente crises economicas, como foi a de '9', cujos effectos se estão ainda sentindo no agio do ouro, e de que a baixa actual pôde bem não ser indicio de mais saude, sendo até para temer que essas melhoras, productoras certamente de alivios para o thesouro, saiam por um preço demasiado caro á actividade da nação. Repellido-se portanto as mesmas causas, e desenvolvidas se no mesmo modo, não se pôde duvidar de que os effectos hão de ser egues ou parecidos, e de que por iso factos identicos se hão de repetir tambem n'um prazo maior ou menor, e mais ou menos intensamente. A periodicidade das crises commerciaes e financeiras tem sido affirmada por grande numero de economistas, Juglar e Jevons á frente, mas o que elles tem procurado explicar engenhosamente tem acaso mais natural explicação na subsistencia das causas geraes que determinam essas crises. Expedientes e sacrificios de occasião podem remediar o mal temporariamente, mas não o removem. Os effectos voltam. Os factos observados, e que são a base para fundamentar a theoria da periodicidade das crises, não são muitas vezes crises novas que resultam de causas tambem novas. É quasi sempre a permanencia das mesmas causas mal curadas, e só temporariamente conjuradas durante o mais agudo da crise, que continua a produzir os seus naturaes effectos.

Pelo que fica exposto mostra-se que as contas do commercio portuguez têm de ser saldadas todos os annos com deficit, e que para o seu pagamento no estrangeiro, sem contar mesmo com o deficit financeiro proveniente da divida publica externa, não ha fontes de receita que cheguem. A conclusão é a de que se mais tarde ou mais cedo terá de se manifestar outra crise, se a riqueza economica da nação se não der o desenvolvimento de que ella é susceptivel. São ainda os numeros que nos vão dizer qual tem sido o seu desenvolvimento, e o que ha a esperar d'elle. E' indifferente a natureza das contas do commercio externo o melhor indicador d'essa riqueza, e se se compararem os algarismos em que ella agora se expressa com aquelles em que se expressava ha dez annos, encontra-se para o anno passado 77.940 contos e 69.600 para 1888, isto é, uma progressão de 12 2/3 ou pouco mais de 1 1/2 em cada anno.

Para bem se apreciar o valor d'esta taxa progressiva, não pôde haver melhores termos de comparação do que as taxas correspondentes nos outros paizes e os orçamentos de despeza dos diversos Estados. E' assim que se pôe de manifesto o valor das riquezas naturaes das nações, confrontando o que ellas dão com o que prestam pedir ao thesouro. Pelas estatisticas commerciaes, que n'este momento tenho á mão, e em que se comprehendem os paizes que pela sua extensão, população, relações e afinidades mais se parecem com o nosso, ou conosco mais se relacionam, mostra-se que a somma do commercio externo se expressava ha 10 annos pelos seguintes numeros representativos de milhões de francos:

Gran-Bretanha	16.000
Alemanha	7.365
Hollanda	4.425
Belgica	3.385
Hespanha	1.510
Suissa	1.430
Dinamarca	700
Romania	570
Portugal	385

Comparando estes numeros com os que ficam apontados no começo d'este artigo, vê-se que a progressão commercial tem sido a seguinte:

	70 por cento
Belgica	60
Hollanda	57
Alemanha	85
Suissa	24
Romania	16
Hespanha	15
Portugal	12

Estes algarismos mostram a todas as luzes como as riquezas naturaes se têm desenvolvido rapidamente n'algumas nações, e como esse desenvolvimento tem sido pelo contrario difficil e moroso no nosso paiz. E' porem ainda mais desconsolador esse confronto, se pozermos perante aquelles algarismos do commercio externo, que significam riqueza economica, os orçamentos de despeza que representam o que o paiz pede ao thesouro para se alimentar.

Gran-Bretanha	2.515 milhões de francos
Alemanha	1.390
Hespanha	860
Belgica	435
Hollanda	335
Portugal	305
Romania	298
Dinamarca	95
Suissa	90

Confrontando estes numeros orçamentaes com os do commercio, vê-se que os orçamentos de despeza publica estão para as sommas do commercio externo na razão de 5 % na Suissa, de 5 1/2 % na Hollanda, de 7 1/2 % na Belgica, de 9 na Dinamarca, de 13 na Inglaterra, de 17 na Allemanha, de 34 na Romania, de 48 na Hespanha e de 79 em Portugal. Assim, enquanto na Suissa, na Hollanda, na Belgica e na Dinamarca, que são os paizes mais comparaveis ao nosso em área e população, não chega o orçamento de despeza do Estado a representar 10 %, da respectiva riqueza economica, em Portugal representa 70 %. E' o orçamento que aqui supprime tudo, porque é tambem ao orçamento que todos se acolhem n'este paiz onde o emprego publico é o destino commum, a aspiração geral e o fim de quasi toda a gente.

As impressões, que resultam d'este quadro comparativo da riqueza economica com a despeza publica, são já des bem melancolicas, mas se em vez de comparar numeros relativos ao mesmo anno, se puzermos em frente uns dos outros os que expressam o desenvolvimento d'essas riquezas e d'essas despezas n'um periodo de alguns annos, peiores impressões deixa ainda esse confronto. Vê-se então como entre nós tem progredido rapidamente a despeza publica, e como tem caminhado vagarosamente a riqueza natural, ao passo que nos outros paizes tem acontecido justamente o contrario. Nos ultimos 10 annos, e nos mesmos paizes que vão acima comparados, o acrescimo nos orçamentos de despeza tem sido o seguinte:

Hespanha	4 por cento
Hollanda	6

Gran-Bretanha	12 por cento
Dinamarca	14
Alemanha	17
Belgica	21
Romania	26
Suissa	28
Portugal	34

Comparando estas taxas de progressão com as anteriormente indicadas, vê-se que as despezas publicas orçamentaes e a riqueza economica têm crescido nas seguintes proporções:

	Riqueza	Despeza orçamental
Belgica	70	21
Hollanda	50	6
Dinamarca	37	14
Alemanha	35	17
Suissa	24	28
Romania	16	26
Hespanha	15	4
Portugal	12	34

E' portanto o nosso paiz o que a todos leva a palma na rapidez com que as despezas publicas crescem e na lentidão com que a riqueza nacional se arrasta. Em quasi todos os outros paizes tem a riqueza economica crescido muito mais depressa do que a despeza publica, exceptuadas sómente a Suissa e a Romania, mas na Suissa vão os dois desenvolvimentos quasi ao par, e na Romania explica-se aquelle augmento, que alli só no anno passado se accentuou pela grande operação que então se levou a cabo, e que teve por fim extinguir deficits anteriores, construir e resgatar linhas ferreas, e amortisar divida publica em condições de reduzir o seu serviço no anno que vem de 80 a 70 milhões de leis. Entre nós, sem nenhuma rasão justificativas ou attenuantes, tem a riqueza progredido como 12 e a despeza publica como 34, o que torna os gastos e os recursos cada vez mais desproporcionados, significando aquelles numeros um adiantamento na riqueza do nosso paiz 6 vezes menor do que na Belgica, e outro adiantamento em sentido inverso nas despezas 6 vezes maior que na Hollanda. A conclusão a tirar de tudo isto é definitiva, mas dentro dos orçamentos dos Estados ha ainda que destruir. Ha receitas proprias, que não peçam sobre os contribuintes, e ha o imposto. Ora os sacrificios contributivos repartem-se assim pelos habitantes dos diversos paizes:

Suissa	24 francos
Belgica	31
Romania	32
Dinamarca	34
Hollanda	41
Alemanha	43
Hespanha	44
Portugal	48
Gran-Bretanha	54

O peso dos impostos por cada habitante do nosso paiz excede 8 a 100 por cento o dos outros povos da Europa, exceptuanda a Gran-Bretanha onde a riqueza individual é incomparavelmente superior á manifestada pela relação de 54 para 48, em que se expressam as capitães contributivas da Inglaterra e de Portugal.

As conclusões a tirar do que fica exposto resultam claramente dos numeros apontados. Vê-se pela comparação das riquezas naturaes com as despezas publicas que o nosso paiz tem de pedir ao thesouro para se alimentar quasi tres quartos do que produzem aquellas riquezas, visto que as primeiras estão para as segundas na proporção de 70 para 100. Vê-se mais que nos paizes que nos deveriam servir de exemplo acontece justamente o contrario, chegando na Hollanda e na Belgica, melhores modelos sem duvida do que outros que andamos azevados a copiar, a estar a despeza orçamental para as riquezas naturaes na respectiva proporção de 6 e 21 para 100. Vê-se ainda que a nossa situação, em vez de se corrigir, tende a agravar-se, porque a taxa das progressões faz arrear cada vez mais os termos riqueza e despeza. Vê-se além d'isso que n'estas condições em que o paiz tem de pedir tanto ao thesouro para ir vivendo, é ao imposto que principalmente se recorre, e que esse meio exhaustivo de receitas peza mais no nos o paiz do que nos outros. Ora tudo isto se passa em regime de quasi 1/2 de seculo de paz completa, e em territorio que deveria alimentar um numero de habitantes duas ou tres vezes maior do que a nossa população, pois que podendo ter relativamente á Belgica 10 milhões e 13 relativamente á Hollanda, tem apenas 5, para os quaes importa mais de 13 mil contos de substancias alimenticias, sobre carregados ainda com direitos d'importação superiores a 7 mil contos.

Ha portanto a accentuar as conclusões tiradas que a população portugueza, apocada em numero e com terras de sobra, tem de pagar o seu deficit de alimentações com 20 mil contos, dos quaes 15 vão para o estrangeiro e 7 para o Estado. Vê-se tudo isto de manifesto a inferioridade da nossa situação e os defeitos do nosso regime, não sendo difficil de predir os resultados, e que pela inflexivel logica dos numeros poderemos ser levados a algum repetido *dies irae* da nossa economia e da nossa finança. Poderá isto ser apprehensão de espirito melancolico, mas essa melancolia, se o é, tempera-a docemente a convicção de que é ainda bem facil abrir caminhos novos á nossa vida e actividade de nação, onde ha tantos espaços tambem novos por lustrar.

THEATROS

GRANDE peça, rica peça esta *Nitouche!* Tendo feito verdadeiramente, vae já para doze annos, as delicias do publico de Lisboa, o encantador *vandelle* apparece nos agora, na rua dos Condes, remoçado e sempre triumphador; para o que grandemente concorre o desempenho dos artistas encarregados dos dois papeis principaes, Joaquim d'Almeida e Lucinda do Carmo, frescos e indempnes, segundo parece, á acção do tempo, pois tivemos o gosto de os reapplaudir, fortes ainda e admiraveis na sua brava galhardia antiga.

Essa primeira epocha de representação da *Mam'selle Nitouche* correspondeu ao periodo aureo, na fama e nos lucros, do curioso barração que era o chamado *theatro dos Recreios*, edificado proximoamente no ponto onde hoje se rasga a bocca do tunnel do Rocio, — com o seu *foyer* picado de estrellasinhas de prata, e os altos prumos que dividiam os camarotes, figurando estipes de palmeiras, — theatro que era a completa negação do seu destino, todo vasado em janellas que lhe estragavam as condições acusticas, quente como uma estufa no verão, e insupportavel, no inverno, de correntes de ar e de frio.

Não obstante, estive então na moda. Com uma tenacidade e um enthusiasmo, como ainda nunca mais ahi vimos depois, — a não ser no anno da inauguração do *D. Amelia*, — todas as noites invariavel ali accorria o grosso publico, resignando-se a escalar uma interminavel ladeira, de cento e tanto degraus, e arrostando impavido com a probabilidade de apanhar uma pneumonia. Foi a epocha do *Miguel Strogoff*, que definitivamente acabou de consagrar o genio decorador e impressionista de Manini; foi a temporada inolvidavel de Lucinda Simões na *Theresa Raquin*; de Joaquim d'Almeida no *Luiz XI*; foi essa extraordinaria companhia de *zarzuela*, com a Moriones, a Carmen Crós, o Laccarra, tão impetuosa, completa, caracteristica e brilhante como nunca mais se tornou a ver ahi...

Voltando porém á *Nitouche*... Entravamos n'ello então fogosamente na vida litteraria, cegos e ardentes n'esse bello estimulo innovador, que incorrigivelmente nos devorará sempre, e que tão amargos desenganos nos preparava! O theatro attrahia-nos de preferencia, com o seu colorido intenso, a plasticisação immaterial das suas tintas, o pittoresco viver dos seus desvãos, repassados de mysterio e de peccado. Na empolgadora attracção do ambiente, sensíveis á carinhosa acolhida do bom Salvador Marques, o emprezario, ahi pelos *Recreios* gastavamos saborosamente as horas. Por signal que ficámos de então devendo á inolvidavel generosidade de Lucinda do Carmo e Augusto de Mello o haverem-me ouvido a leitura d'um drama, *Lavinia*, que era a mais estopante semsaboria rhetorica que cerebro portuez tem poreaço... depois, é claro, do *Falstaff* do sr. Souza Monteiro.

Ora, a esse tempo, tocavam o zenith as graças, encantos, o fulgor, a fama da endiabrada Lucinda do Carmo. Meu Deus! que de admiradores, cada noite, no seu camarim! que infundível cauda de pretendentes consumindo-se de balde, sem resultado e sem emenda, no rasto de fogo da sua gloria! O amante official da *diva*, antigo *furioso* dramatico, tinha um extenuante trabalho com o caso. E ella a rir sempre, petulante, arisca, inaccessível... compondo, redondinha e pequena, ao espelho a complicada *maquillage* do fino rosto sensual, n'um voluptuoso erguer dos antebraços picados de covinhas duras.

Havia ali gente de todos os feitos, edades, condições e castas: desde o bohemio ao *parvenu*, do burocrata ao argentario. Ainda não tinha então apontado no nosso florigero pagão esse dadiovoso jubileu que galantemente tem sabido ser o sr. marquez de Franco. Mas certo bacharelzinho nos acostumáramos nós a ver ahi, de assetinada pelle de leite e grandes olhos sideraes, que com um pouco mais de persistencia e de audacia poderia muito bem ter sido *l'amant de cœur* da requestada esphinge... E até o Arsejas, livreiro, o velho e pacato Arsejas, — miudinho, derreado, a aba da sobrecasaca pelos calcanhares, cortado marcialmente o bigode, e n'uma grande compenetração solemne guardada na algebeira do collête a lunêta, — até esse periodicamente apparecia, com um *bouquet* muito orthodoxo, comprado na Leonor da praça da Figueira, o qual timidamente, sem uma palavra, elle depunha sobre a mesinha do camarim, saindo logo ás arrecuas.

Tinha até o que quer que fosse de enternecedor a côrte d'este homem... o modo isento, modesto e simples de manifestação da sua homenagem. Tomára elle que ninguém o visse! Assim, não apparecia de ordinario senão em noites mortas, em espectaculos de casa fraca. E nós, que naturalmente, como todo o bom litterato incipiente, vimos a *Nitouche* muita vez, porém de bôria, e não queriamos abusar occupando

gratuitamente um logar em noites de enchente, começámos a tomar para norteammento do nosso proceder a indicação do Arsejas. Pouco antes da hora de começar o espectáculo, postavamo-nos de pachorra, no largo em frente d'aquella esfarrapada architectura de lona e madeira, que dava serventia ao theatro, observando a gente que vinha chegando. — Não apparecia o Arsejas?... Não se entrava. Viamos, ao contrario, apontar da banda da rua do Principe o cône branco e rendado do invariavel *bouquet*, na mão trêmula á frente cuidadosamente erguido?... Não havia que hesitar! Subiamos adeante d'elle.

Era infallivel!

D'uma vez em que nós, no camarim da Lucinda, faziamos nosso commentario ironico a esta côrte, platonica e infatigavel, do bom e honrado velho, a galante artista observou:

— E' o mais rico!

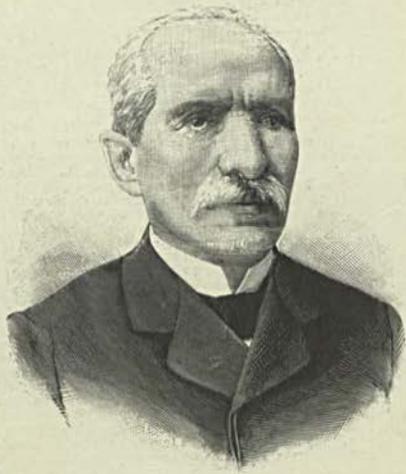
Pondo assim, no seu piedoso sorrir, uma generosa nota de justiça.

Mas, como este, muitos outros episodios curiosos nos suggere a saudosa evocação d'esse bom tempo heroico da *Nitouche*, que deu ao theatro 68 enchentes, quasi seguidas. Havia, por exemplo, um novel artista quasi ignorado, o actor Lima, que fazia, no segundo acto, o papel do *contra-regra* procurando afanoso «afinetses p'ra menina», com tão cego e atropellado *entrain*, que, uma noite, levou adiante de si o panno de fundo, deixando que a plateia então, rindo a escancaras, surprehendesse o *idyllio* muito pratico de dois coristas, que descuosido se expandia no commodo favor da sombra.

Tudo isso porém nos levaria longe, a termos de não finalizar tão cedo. Limitar-nos hemos pois a lisar o exito actual de *Helsia e Borromeni*, bem digno continuador, ao que vamos vendo, d'esse grande e inolvidavel *sucesso* antigo.

E, pelos outros palcos, nada mais de novo. Continua a *troupe* Giovanini no Colyseu, a companhia Taveira na Trindade; e, no Eden de S. Pedro de Alcantara, a vozita *canaille* e infantil da pequena Zina Vargas, todas as noites, das 8 ás 12, desperta e accende, com a enervadora commoção das suas cançonetas fim-de-seculo, do arvoredado secular os echos preguiçosos.

ABEL BOTELHO.



Gaspar Ferreira Baltar

(Fallecido em 29 de Junho de 1899)

BRASIL PORTUGAL

Impresso na typ. da Comp. Nacional Editora
Largo do Conde Barão, 30

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Editor — LEIZ ANTONIO SANCHEZ
Redac. e administr. — R. Trevis, 55 — LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL		ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO	
Anno.....	(moeda brasileira).....	Anno.....	72000	Anno.....	12000
Numero avulso	25000	6 mezes.....	42000	6 mezes.....	45000
		3 mezes.....	23000	Numero avulso.....	500
		Numero avulso.....	2400		

SUMMARIO

Chronica Electrica — BRASIL-PORTUGAL.
A capella de S. João Baptista na igreja de S. Roque.
Os 'alei' ineditos illustrações de José Queiroz — CONTE
de SANCHEZ.
S. João Baptista.
Policia civil de Lisboa.
Lucta contra a tuberculose — DR. MOREIRA CABRAL.
Figura da Fez.
Conselheiro Ernesto Gibião.
Pelo AMANHA — LEON TAVARES.
Os numeros — ANSELMO DE ANDRADE.
Theatros — ARAZ BOTELHO.

Paginas supplementares

Terra de Santa Cruz, romance de LOPES DE MENDONÇA.
O numero de hoje.
Alvaro Pinheiro Chagas.
Os que chegam.
Policia civil de Lisboa.
O processo Filto.
A lotaria em beneficio do Instituto D. Afonso.
Sciencia facil.
Recetas.
Horas de ocio.

30 ILLUSTRACOES

Terra de Santa Cruz

POR

H. LOPES DE MENDONÇA

O romance do «Brasil-Portugal»

Como já annunciámos no n.º anterior, a empresa do BRASIL-PORTUGAL oferece gratuitamente a todos os seus assignantes e compradores um romance expressamente escripto pelo grande publicista e dramaturgo Lopes de Mendonça.

O que no n.º 10 escrevemos repetimol-o hoje: «Dizer que será um romance sensacional, de equal interesse para os dois paizes, porque se liga ao descobrimento do Brasil e porque n'elle apparece a figura de Pedro Alvares Cabral, dizer que tem por base de toda a acção um assassinato horrivel, que é um romance historico de veras empolgante pelo lado dramatico, pelo vigor das situações, pelas personagens que nelle se desenvolvem, dizer que a Terra de Santa Cruz está destinada a um enorme successo no mundo em que se fala a lingua portugueza, é decerto confirmar a opinião de todos os que nos lêem e que conhecem as altas faculdades de dramaturgo e de artista que caracterizam Lopes de Mendonça.»

Já hoje podemos dar os titulos dos

principaes capitulos que hão de constituir o volume. Eil-os:

Um crime mysterioso
Condenação
A partida da armada
Mar em tórã
Novas plagas
O ultimo fio
Vida selvagem
Vião do passado
Revelação tremenda
Sacrificio humano
Beribã
O pagé
Em esta do ouro
Odysséa seraneja
Idyllo seranejo
Batalha naval
Esperança perdida
A vigilança nas mãos
Velhos amores
A dedicação de uma india

A Terra de Santa Cruz será dividido em fasciculos de 8 paginas, cada um dos quaes terá duas ou tres illustrações, começará a publicar-se do n.º 12 em diante, e cada exemplar do BRASIL-PORTUGAL será acompanhado de um fasciculo do romance. Assim poder-se-ha formar depois um elegante volume de 400 paginas, em primoroso papel e com excellentes gravuras.

Julga a empresa do BRASIL-PORTUGAL corresponder por esta fórma a quantos tem contribuido para o exito excepcional da Revista, em Portugal e no Brasil.

O numero de hoje

Nomes illustres vêm pela primeira vez honrar a nossa publicação.

O sr. dr. Moreira, o professor e clinico, que a tantos talentos junta o de parlamentar, aquelle que iniciou na camara dos deputados uma campanha em forma contra a tuberculose, firma um precioso artigo sobre este assumpto, tendo a gentileza de escrevel-o expressamente para o Brasil-Portugal.

As deliciosas estrophes ineditas do sr. conde de Sabugosa, um dos nossos mais delicados buriladores do verso, são illustradas por José Queiroz, um artista completo, que sabe dar uma viva expressão local aos assumptos confiados ao seu pincel.

O sr. dr. Anselmo Andrade, o grande publicista, não vem pela primeira vez honrar o Brasil-Portugal. Mas os seus escriptos têm sempre um tal cunho de originalidade, uma tão grande elevação de critica, e um tal brilho de fórma, que os nossos leitores o consideram sempre, como nós, o bemvindo, e espe-

cialmente aquelles que mais se dedicam ao estudo da situação financeira do paiz.

A varios artistas e amadores são devidos os clichés das paginas que consagramos á lotaria que por iniciativa da Rainha e Senhora D. Maria Pia se realisou na tarde de 25, no Campo Pequeno.

O sr. Hygino de Mendonça, nosso collega na imprensa, e um photographo amator muito distincto, o sr. Antonio Noves, pintor retratista, que foi tambem muito gentil para commoço, e o sr. Arnaldo Fonseca, a quem o Brasil-Portugal deve a maior parte dos magnificos clichés que tem publicado, figuram n'essa interessante pagina.

E para concluir, a todos deixamos aqui o nosso agradecimento, que ainda se duplica para José Queiroz, pelo offerecimento do seu magnifico *eroguis* da esquadra franceza, que apparece n'outra pagina.

Alvaro Pinheiro Chagas

Tendo deixado de ser secretario da empresa do Brasil-Portugal, por impossibilidade de accumular este cargo com o que actualmente exerce na redacção do *Journal do Commercio*, o sr. Alfredo Galles, passou a exercel-o o sr. Alvaro Pinheiro Chagas, nome que representa um dos mais gloriosos que tem tido a litteratura portugueza, e que decerto não é desconhecido de grande parte dos nossos leitores. As suas aptidões litterarias e a sua pratica de journalismo, e a seriedade do seu caracter, aconselharam á empresa do Brasil-Portugal a escolha do seu nome, pela qual felicitamos os leitores d'esta Revista.

Os que chegam

De varios portos do Brasil chegaram:

Pelo «Rei de Portugal»

Jeronymo Goncalves, negociante no Rio de Janeiro, veio visitar a sua terra, Braga, d'onde 16 annos esteve ausente. É sócio do Gabinete Portuguez de Leitura.

José da Silva Meira, veio para o Porto, acompanhado de sua filha. É ha muito negociante no Rio de Janeiro.

Manuel Alves de Seabra, tambem commerciante n'aquella cidade, onde pertence a todas as sociedades portuguezas, dirigiu-se para Villa da Feira, d'onde é natural.

Ignacio Machado. Depois de uma ausencia de 12 annos, este acreditado negociante em Santos, vem visitar o seu patrio Douro. Seguiu para Canelas.

Alberto Augusto Nogueira. Vem do Rio, onde é negociante ha 20 annos, para o Porto, a terra da sua naturalidade. É sócio da Beneficencia Portugueza.

Pelo «Danube»

Commandador Almeida Brandão, o abastado capitalista, que depois de alguma demora na Bahia, onde esteve tratando dos vastos negocios da sua casa, regressa a Portugal, saudosamente esperado por amigos e parentes.

Pelo «Re Umberto»

Barão de Marajó. Está de novo entre nós, vindo do Pará, o illustre senador d'aquelle Estado, nosso amigo e brilhante collaborador da Revista. Sinceras boas vindas.

Comendador Soares de Matta. Ausente de Portugal 30 annos, vem de Manóas, para visitar a patria querida, este portuguez illustre, um dos que na capital do Amazonas, ou como antigo vice-consul ou como capitanea mais serviços tem prestado aos seus compatriotas.

Polícia civil de Lisboa

A policia civil de Lisboa está a cargo de um corpo que se divide em duas secções: de segurança e administrativa. Compõe-se de um comandante — official superior do exercito — tres officiaes adjuntos, — capitães ou subalternos, — dois sub-inspectores, um medico, um chefe de secretaria, um secretario, 21 chefes de esquadra, 100 cabos de secção e 1125 guardas.

A secção administrativa funciona, na parte propriamente de policia administrativa, sob a direcção de um inspector, que não pertence ao corpo, e é coadjuvado pelos dois sub-inspectores. No mais está todo subordinado ao commandante, havendo uma secretaria unica sob a direcção do respectivo chefe.

A secção de segurança divide-se, para os effectos policiaes externos em tres zonas policiaes, sendo cada zona commandada por um official, e tendo cada uma sete esquadras.

Cada esquadra é commandada por um chefe, e tem quatro cabos. O numero de guardas é variavel, conforme a importancia e movimento publico e commercial da area da cidade em que ella está collocada.

Os guardas são recrutados entre as praças do exercito de terra e mar, com bom comportamento, com altura superior a 1^m.50, e que melhores condições de robustez, apparencia e illustração, offereçam.

As qualidades physicas dos pretendentes são apreciadas por uma junta composta de um official, dois medicos e o chefe da secretaria; a instrução é dada pelo mesmo official e chefe da secretaria; e as qualidades moraes pelo proprio commandante, que é quem faz a escolha e nomeia.

A promoção entre as praças do corpo é feita por concurso.

Os guardas estão divididos em duas classes: — 1.^a e 2.^a; sendo 225 da 1.^a e 900 da 2.^a.

A promoção de classe é feita pelo commandante entre os guardas de melhor comportamento, aptidão e competencia.

Cada guarda tem oito horas de serviço ordinario por dia, dividido em dois quartos de 4 horas cada, e com folga de oito horas entre cada quarto.

As esquadras podem ter uma ou mais estações de guarda; e a guarda é composta por 1 cabo e 3 guardas. Os restantes tres cabos de cada estação servem para fazer rondas alternadas aos guardas de patrulha na rua.

É a cargo da policia civil que está o policiamento das ruas, dos templos e dos theatros. São os superiores do corpo quem, sob a responsabilidade do commandante e inspecção do governador civil, presidem a todos os espectáculos publicos.

Para estimular das praças no cumprimento de seus deveres, ha, como recompensas: — louvores, dispensas de serviço, licenças, gratificações, promoções por distincção e distincções honorificas; e como castigos: — reprehensões, serviços que não lhes pertencem por escala, suspensões e expulsão do corpo.

Junto ao corpo funciona um conselho disciplinar, que se compõe do commandante, dois officiaes e de que é secretario o chefe da secretaria.

As recompensas podem ser concedidas pelo commandante, conselho disciplinar, governador civil ou ministro do reino; os castigos pelo commandante ou conselho disciplinar.

As penas mais graves, como suspensão ou expulsão, só são impostas depois de justamente se apreciarem as faltas em face de processo de investigação em que os accusados são ouvidos e podem allegar e provar as suas allegações.

A expulsão só é imposta pelo conselho disciplinar.

As causas, a que em regra corresponde a expulsão, são: prevaricação, pronuncia passada em julgado por qualquer crime commum de que a praça seja accusada, embriaguez em acto de serviço ou qualquer falta que deslustre o brio e decore da corporação.

Praça expulsa não pode ser readmittida.

Os chefes de esquadra vencem 1000 réis diários; os cabos 700 réis, os guardas de 1.^a classe, 600 réis e os de 2.^a, 550.

A praça, se se inutilizar por motivo de serviço, tem direito á sua reforma por inteiro, seja qual for a sua antiguidade; não sendo n'estas circumstancias pode ser reformada aos 3 annos de serviço commo um terço de vencimento, aos 10 annos com dois terços e aos 15 annos com o vencimento por inteiro.

No corpo ha um Conselho administrativo que se compõe dos tres officiaes do corpo e a que serve de secretario um chefe de esquadra, que administra o cofre de pensões, e a cargo de quem está todo o movimento administrativo do corpo, sob a inspecção do commandante.

O fardamento das praças compõe-se de calça, casaco e bonet cõr de pinhão, com botões brancos. No bonet tem um emblema com as letras P. C. Lisboa.

Os chefes tem como distinctivo uma estrela de prata em cada lado da gola, e um galão estreito, branco, em volta do canhão da manga. Os cabos duas estrelas em cada canhão.

O armamento ordinario compõe-se de sabre; e quando em serviço, sabre e revolver Smith Welson.

Os chefes usam espada.

Pela gravura que publicamos pode fazer-se idea do que são o fardamento e o armamento.

O processo Fileto

Teve agora o seu desfecho juridico a questão que ha tanto tempo agita e preoccupa todo o norte do Brasil.

O Tribunal Mixto de Manóas, em accordam de 24 de maio ultimo, julgou prescripta a acção espedida por crime de responsabilidade interdicta contra o ex-governador d'aquelle Estado, dr. Fileto Pires Ferreira.

A toirada em beneficio do Instituto D. Afonso

Tarde de calma serena, tarde de estio, excitante e bella como todas as do nosso verão que por vezes attingem as ardençias do torrido clima africano. No céu nem uma nuvem a manchar-lhe o colossal azul de turqueza, uniforme até sonda a vista podião alcançar. Praça cheia de tudo quanto de mais elegante e distincto existe na sociedade lisboeta. Predomínio absoluto das toilettes claras. Milhares de leques de variegadas côres agitando o ar como asas polychromas de aves exóticas.

Festa sensacional, de caridade, em beneficio do Instituto D. Afonso, um estabelecimento philanthropico e util que tem prestado bons serviços. Festa promovida por Sua Magestade a Rainha D. Maria Fia, essa princeza magnanima sempre prompta e sollicita em praticar o bem onde quer que elle seja necessario.

Dirigiu-a o sr. infante D. Afonso e prestou-lhe o seu concurso o Real Club Turvomatico, no qual figuram como socios os rapazes mais galhardos e destemidos da primeira sociedade.

Não especializamos ninguém. Todos, sem distincção de um só, se portaram á altura dos seus brios e dos seus meritos.

Até o publico deve ser incluído n'esta classificação pela maneira entusiastica e esportanea como secundou a caridosa intenção da augusta mãe do chefe do Estado.

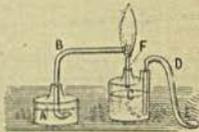
É com o maior prazer que dedicamos n'esto numero algumas paginas á reprodução photographica dos principaes detalhes d'esta corrida magnifica, que se ha de viva impressão deixou no espirito de nós todos.

SCIENCIA FACIL

CONSTRUÇÃO D'UMA LAMPADA PARA LABORATORIO. — Ha muitas vezes necessidade, para certas experiencias, de temperaturas bastante altas, e nem todos os amadores podem ter gaz instalado nos seus laboratorios.

Vamos, pois, indicar a maneira de construir uma pequena lampada que serve na maioria dos casos.

Uma pequena lampada de alcool, um frasco de duas tubuladuras e alguns tubos bastam.



A lampada de alcool (A) é uma lampada ordinaria em que se substitue o tubo onde a mecha está introduzida por um outro (B) bastante comprido e, como se vê na gravura, dobrado em angulo recto.

O frasco de duas tubuladuras (C) deve ser cheio de essencia mineral ou alcool e deve estar perfeitamente rolhado; por cada uma das tubuladuras passa um tubo; o que passa pela tubuladura collocada ao lado do frasco deve ir até ao fundo, o que passa pela tubuladura central (F) deve ficar a um centimetro acima da superficie do liquido.

Para fazer funcionar a lampada accende-se a lampada (A) e colloca-se de modo que a chama fique proxima da extremidade livre do tubo (F). Em seguida faz-se chegar uma corrente de ar ao fundo do frasco (C) por intermedio de um tubo de borracha (D) e de uma pera de pulverisador (E) ou mesmo um folle. O ar ao passar pela essencia satura-se de vapores e depois sahe pelo tubo (F); ahí encontrando a chama da lampada (A) os vapores da essencia ardem e como encontram ar bastante ardem completamente produzindo-se d'este modo uma temperatura bastante elevada.

ACCENDER UMA LAMPARINA COM UMA BOLA DE NEVE. — É uma pequenina experiencia bastante interessante. Prepara-se introduzindo entre os fios da torçida d'uma lamparina de alcool um pedacinho de potassio. Em seguida aproxima-se-lhe uma bola de neve e deixa-se cahir-lhe em cima uma gotta de agua.

O potassio decompõe a agua, apodera-se do oxigenio, desenvolvendo tal calor que o hydrogenio se inflamma, accendendo-se por este modo a lamparina.

ORAVAL.

RECETAS

Antiga cozinha portugueza. — Carneiro amarello.

Põem-se a afogar dois arrateis de carneiro feito em pedaços, com uma quarta de toucinho e cheiros. Estando meio cozido, deita-se-lhe um golpe de vinagre. Depois de cozido tempera-se com todos os adubos, e coilha-se com quatro gemmas d'ovo. Põe-se na travessa, sobre fatias de pão e tocado de sumo de limão. Assim vaé á meza.

Carneiro preto.

Carneiro em pedaços muito miúdos, dois arrateis de carneiro e põem-se a afogar com meio arratel de toucinho e o seu vinagre. Estando cozido se tempera com os adubos. Pixa-se então uma quarta de amendoas e põem-se a torrar até que liquem pardas, e deitando-se no carneiro o façam preto. Ponha-se no molho algum assucar e sumo de limão para que fique agri-doce. Servir sobre fatias.

Decoração mural facil e economica.

As gravuras dos jornaes illustrados, que são ás vezes bastante artisticas, mas que ninguém emoldura, já porque o papel é deteriorado

pelas dobras e impressão ao verso, já porque a grande tiragem do jornal baixa o valor artístico d'este trabalho, podem servir á execução de placas de um grande effeito, para ornamentação das paredes. Para obter este resultado, basta pôr, sobre uma traveza, um prato, etc., a gravura que se quer reproduzir, voltando a gravura para cima. Cobri-la em seguida de enxofre fundido (o que se faz simplesmente, mettendo uma certa quantidade de enxofre—cujo preço é insignificante—numa casarola que se põe sobre o lume, tendo o cuidado d'evitar que a chama atinja o enxofre). Quando o enxofre affirma, tira-o do prato e como papel da gravura vem collado ao enxofre, metter tudo em agua durante um certo tempo, até que o papel amoleça e se possa facilmente tirar. A gravura flôrã sobre o enxofre, muito nítida, e se o molde foi bem executado obtêm-se assim um bello medalhão muito decorativo.

Para conservar os espargos durante o inverno.

Na estação, guardem-se os espargos, dos mais frescos e dos melhores; lavem-se muito bem, para se lhes tirar a terra, e enxuguem-se com um pano fino. Tome-se uma mistura de farinha e de sementes á qual se juntará uma oitava parte de sal, bem secco. Colloquem-se os espargos n'uma vaso qualquer, alternando com camadas d'essa mistura. Sobre a ultima camada da mistura, deite-se uma leve espessura de banha e tape-se o vaso com uma pelle de modo a não deixar entrar o ar. D'este modo, os espargos podem conservar-se frescos, durante um tempo consideravel.

Para proteger papéis de valor contra os incendios.

Mettel-os n'uma caixa maior tambem de ferro. Encher o espaço que fica entre as duas caixas, e que deve ser pelo menos de 30 centímetros, com cinza passada por uma peneira fina. A cinza deve ser calcada e comprimida.

Para que as penas d'acço se não enferrumem.

No fundo de um copo, deitar um pouco de carbonato de soda, collocar por cima uma esponja humida. Esta esponja servirá de limpapenas e a dissolução alcalina evitará a oxidação.

Longevidade dos animaes.

Alguns insectos vivem apenas horas; outros semanas. O sapo vive 15 annos; o camello, 40

annos; o cavallo, 30 annos; o boi, 20 annos; o cão, 12 annos; o gato, 10 annos e o porco, 7 annos.

Carneiros e coelhos vivem de 8 a 9 annos. Gallinhas, de 12 a 15 annos. Papagaios chegam a viver 100 annos. As cegonhas mais de 200 annos. Os elephantes alcançam a idade de 250 a 300 annos. Os peixes geralmente attingem a uma grande idade. Uma baleia dura regularmente 400 annos.

Horas de ocio

Decifrações do n.º 6 do Brasil-Portugal

Da charada diffusa — Amoroso.

Do safo oqueiro:

No teu quarto só tu e eu, ninguém
Mas entra ali, ninguém; só tu e eu:
Contado é para como o aral do céu
E doce como o olhar de minha mãe.

Da charada em lozango:

A
A
R
O
M
A
A
M
A
A

Das logographos — Malmoquer, Plenipotenciario.

Charadas decapitadas

(Por syllabas)

Subi o — e encontrei a — que passava — esplanada.

(Por letras)

Acho-te — Não comas tanta — minha querida —, porque
receio — deformidade — não ser que te caças.

Charadas novissimas

Um cicerone que nada sabe é um parlapião — 2, 2.

O aspecto é má, mas brinca com ella as creanças — 2, 2.

Repára que há nos jardins, e tem as freiras — 1, 2.

2 a feira corre o Século — 2, 2.

Esta mulher é mulher homem — 2, 2.

Como se é a aromatica esta planta — 2, 1.

Carta enigmática

Minha 1, 8, 7, 8.

Passi hontem a noite em casa da condessa de 2, 3, 6, 8, onde encontrei teu primo 5, 4, 6, 3, acompanhado da 2, 4, 2, 3, 8, 2, 4, que é realmente uma 2, 10, 6, 7, A, 9, 4. Dançou-se e cantou-se muito, causando enthusiasmo um trecho da 2, 2, 9, 8. Eu dansei pouco, porque em fim já não tenho a tua 4, 2, 8, 2, 10. A dama que mais deu nas vistas foi a baronesa 2, 2, na sua faldete observou-se o ultimo figurino com a maior 1, 9, 3, 4, 2, 6, 7, 8, 9, 10.

Remettei-o 7, 4, 8, 8, 2 que me encommendaste, e descepo não ser mais estúpido: hoje é 9, 6, 8 de grande 3, 2, 3, 8 para mim; e por isso, adeus.

A tua 1, 6, 4, 5 amiga

8, 7, 4, 5, 2, 8.

REDEIRA DE MATOS.

Correspondencia em miniatura

Por que não? (Lisboa) — E' verdade; e enquanto v. a.º não enviar as decifrações pode estar certo que as charadas tem de continuar... indistias.

J. A. M. — Ha peior e ha melhor. Escusa de recommendar que atire para o cesto dos papéis as charadas que não prestarem: esse cuidado tenho eu, e nunca as mãos me doam.

F. A. de MATOS.

Brevemente

Encetarã o BRASIL-PORTUGAL, a publicação de UM INEDITO, que deve fazer sensação internacional, não só pelo assumpto de que trata, como pela circumstancia de ser firmado por um alto personagem.

A Restauração

DE



Gonçalves & C.ª

MERCEARIA E BOTEQUIM, casa especialista em bebidas e conservas. Importação directa, commissões e consignações. Caixa postal, 190

Instalação, 8 — Manãos

OCCASIÃO

Um magnifico retrato em tamanho natural, com esplendida moldura, custa apenas

7\$000 RÉIS!

Recebem-se encommendas das provincias enviando o retrato e a importancia em carta registada.

Photographia Julio Novaes

28 — RUA IVENS — 28
(Telogo Rua S. Francisco)

RESTAURANT AMERICANO

P. C. DE VASCONCELLOS

T. de S. Matheus, 24 — PARA

Serviço de primeira ordem. Accommodações luxuosas para viajantes. Aceito extremo. Illuminação electrica.

TODOS OS CONFORTOS

ESTEVES & C.ª

57, R. Garrett, 59 (ao Chiado) — LISBOA

Depositaros das melhores bicyclettes ingliezas e americanas RALEIGH e STERLING. Chalei no Campo Grande (extremidade norte). Officina, Rua da Barroca, 50. Ensinas-se a andar em bicyclette gratuitamente, sendo comprada na casa. Alugem-se bicyclettes. Venda e prestações.

Telegrammas — Bicyclette-Lisboa

Consultorio medico-homeopatico

Do Dr. Cesario d'Areu

RUA AUGUSTA, 224, 226, 228

LISBOA

Consulta medico-cirurgica a partes — 12 as

3 l, 8 as 10 h., dr. Arthur Braga

Consulta medica, 3 as 6 h. da t., dr. Cesario d'Areu.

Consulta gratuita a qualquer hora

CAMBIO, LOTERIAS

E

PAPEIS

DE

CREDITO

J. C. de Vasconcellos

Rua do

Arsenal

44 e 46

Esquina do Pelourinho

LISBOA



Armazem de fazendas e fato feito, por atacado e a retalho

FORNECEDORES DA CASA REAL

J. NUNES CORRÊA & C.

ESPECIALIDADE D'UNIFORMES

Rua do Ouro, 40, 42 e 44; Rua de S. Julião, 150, 152, 154 e 156 — LISBOA

Promptificam-se com a maior brevidade qualquer fornecimento e encomendas para exportação. — Atelier mechanico para confecção de uniformes. Garante-se em todas as encomendas a boa qualidade, perfeição e modicidade de preços.

Este magnifico hotel, situado no melhor logar das Caldas do Gerez, e construido de proposito para o fim a que se dedica, possui além das magnificas commodidades e bom serviço, um excelente parque com jardim, bosques com arvores de boas sombras, cascatas, nascentes de finissima e deliciosa agua potavel, grande salão recreativo, offerecendo assim aos seus hospedes uma distracção como não tem nenhum outro hotel no paiz.

Qualquer correspondencia pôde ser dirigida á sua proprietaria e directora.

NO GEREZ

Maria N. M. Salgado

EM LISBOA

Caza dos Oito Globos

RUA AUGUSTA, 286



ESTABELECIMENTO

DE



LISBOA

Ferragens, Quinquilharías

BIJOUTERIAS

Perfumarias finas

Bordas e bordados

Artigos de retrozeiro

BONITO SORTIMENTO

Objectos para brindes

Preço fixo

Vendas por atacado e a retalho

Empresa Nacional de Navegação

Carrera quinzenal para a Costa d'África Occidental

Sahidas a 6 e 21 de cada mez, tocando nos seguintes portos:

Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, Santo Antonio do Zaire, Ambristia, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguela, Mossamedes, Porto Alexandre e Bahia dos Tigres.

N. B. — Os paquetes que sahem a 6 não fazem escala por Santo Antonio do Zaire, Ambristia, Bahia dos Tigres e Porto Alexandre, e os de dia 21 por Madeira, S. Vicente e Principe.

Rua da Prata, 8, 1.

sucessores
de Francisco d'Oliveira

Antigamente: Moreira Bastos & Fonseca

Sapataria Liso-Brazileira

Calçado de luxo para exportação
Fabrico exclusivamente "Manual."

93, RUA DO OURO — LISBOA

COMPAGNIE
des Messageries Maritimes
Paquebots poste français
LIGNA TRANSATLANTICA



Para Dakar, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos Ayres.

Para passageiros de 1ª classe trata-se com José Antunes dos Santos & C., 4, Praça dos Remolares.

Para carga, passagens e todas as informações, trata-se na agencia da Companhia, R. Alves, 25. Para Companhia des Messageries Maritimes — Soc. Tortuda.

Casa de Liquidações

RUA MARECHAL DEODORO, 6-A

Manãos

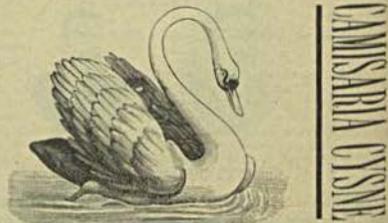
PROPRIETARIO

Francisco Lucas de Almeida

Casa por demais conhecida não precisa de reclamos, para se saber que é a unica em especialidade de artigos para homens, taes como chapéus de palha e feltro, calçado fino, camisas, meias, gravatas, etc.

Deposito permanente de bebidas nacionais, charutos e goiabada superior.

CAMISARIA CYSNE



CAMISARIA CYSNE



MARCA REGISTRADA

Premiada nas exposições
de Paris de 1889
e de Lisboa de 1898



Fabrica a Vapor

Folhetos ou informações a

GRAÇA DUQUE & C.

Lisboa — 166, Rua Augusta, 168 — Lisboa